

B. Die Endlichkeit

§ 1 a) Etwas *und* Anderes; sie sind zunächst gleichgültig gegeneinander; ein Anderes ist auch ein unmittelbar Daseiendes, ein Etwas; die Negation fällt so außer beiden. Etwas ist *an sich* gegen sein *Sein-für-Anderes*. Aber die Bestimmtheit gehört auch seinem *Ansich* an und ist

§ 2 b) dessen *Bestimmung*, welche ebenso sehr in *Beschaffenheit* übergeht, die, mit jener identisch, das immanente und zugleich negierte Sein-für-Anderes, die *Grenze* des Etwas ausmacht, welche

§ 3 c) die immanente Bestimmung des Etwas selbst und dieses somit das *Endliche ist*.

§ 4 In der ersten Abteilung, worin das *Dasein* überhaupt betrachtet wurde, hatte dieses, als zunächst aufgenommen, die Bestimmung des *Seienden*. Die Momente seiner Entwicklung, Qualität und Etwas, sind darum ebenso affirmativer Bestimmung. In dieser Abteilung hingegen entwickelt sich die negative Bestimmung, die im Dasein liegt, welche dort nur erst Negation überhaupt, *erste* Negation war, nun aber zu dem Punkte des *Insichseins* des Etwas, zur Negation der Negation bestimmt ist.

a. Etwas und ein Anderes

§ 1 1. Etwas und Anderes sind beide erstens *Daseiende* oder *Etwas*.

§ 2 *Zweitens* ist ebenso jedes ein *Anderes*. Es ist gleichgültig, welches zuerst und bloß darum *Etwas* genannt wird (im Lateinischen, wenn sie in einem Satze vorkommen, heißen beide *aliud*, oder "Einer den Anderen" *alius alium*; bei einer Gegenseitigkeit ist der Ausdruck *alter alterum* analog). Wenn wir ein Dasein *A* nennen, das andere aber *B*, so ist zunächst *B* als das Andere bestimmt. Aber *A* ist ebenso sehr das Andere des *B*. Beide sind auf gleiche Weise *Andere*. Um

B. A finitude

§ 1 a) Algo *e* outro; eles são inicialmente indiferentes um contra outro; um outro é também um sendo aí imediato, um algo; a negação se situa, assim, fora de ambos. Algo é *em si* contra o seu *ser para outro*. Mas a determinidade pertence também a seu *em si* e é

§ 2 b) sua *determinação*, que passa também na *constituição*, a qual, idêntica àquela, constitui o ser para outro imanente e, ao mesmo tempo, negado, o *limite* do algo, que

§ 3 c) é a determinação imanente do próprio algo e este, com isso, é o *finito*.

§ 4 Na primeira seção, em que foi considerado o *ser aí* em geral, este tinha, como primeiramente tomado, a determinação do *sendo*. Os momentos do seu desenvolvimento, qualidade e algo, são por este motivo igualmente de determinação afirmativa. Nessa seção, pelo contrário, desenvolve-se a determinação negativa que reside no ser aí que lá era primeiramente apenas a negação em geral, *primeira* negação, mas agora está determinado ao ponto do *ser dentro de si* do algo, à negação da negação.

a. Algo e um outro

§ 1 1. Algo e outro são ambos, em primeiro lugar, *sendo aí* ou *algo*.

§ 2 *Em segundo lugar*, cada um é igualmente um *outro*. É indiferente, qual é primeira e simplesmente por isso nomeado algo (em latim, se eles aparecem numa sentença, ambos se chamam *aliud*, ou "um ao outro" *alius alium*; numa reciprocidade a expressão *alter alterum* é análoga). Quando nomeamos um ser aí *A*, mas o outro *B*, então inicialmente *B* está determinado como o outro. Mas *A* é igualmente o outro do *B*. O *este* serve para fixar

den Unterschied und das als affirmativ zu nehmende Etwas zu fixieren, dient das *Dieses*. Aber *Dieses* spricht eben es aus, dass dies Unterscheiden und Herausheben des einen Etwas ein subjektives, außerhalb des Etwas selbst fallendes Bezeichnen ist.

In dieses äußerliche Monstrieren fällt die ganze Bestimmtheit; selbst der Ausdruck *Dieses* enthält keinen Unterschied; alle und jede Etwas sind geradesogut *Diese*, als sie auch Andere sind. Man *meint*, durch "*Dieses*" etwas vollkommen Bestimmtes auszudrücken; es wird übersehen, dass die Sprache, als Werk des Verstandes, nur Allgemeines ausspricht, außer in dem *Namen* eines einzelnen Gegenstandes; der individuelle Name ist aber ein Sinnloses in dem Sinne, dass er nicht ein Allgemeines ausdrückt, und erscheint als ein bloß Gesetztes, Willkürliches aus demselben Grunde, wie denn auch Einzelnamen willkürlich angenommen, gegeben oder ebenso verändert werden können.

§ 3 Es erscheint somit das Anderssein als eine dem so bestimmten Dasein fremde Bestimmung oder das Andere *außer* dem einen Dasein; teils, dass ein Dasein erst durch das *Vergleichen* eines Dritten, teils, dass es nur um des Anderen willen, das außer ihm ist, als Anderes bestimmt werde, aber nicht für sich so sei. Zugleich, wie bemerkt worden, bestimmt sich jedes Dasein, auch für die Vorstellung, ebenso sehr als ein anderes Dasein, so dass nicht ein Dasein bleibt, das nur als ein Dasein bestimmt, das nicht außerhalb eines Daseins, also nicht selbst ein Anderes wäre.

§ 4 Beide sind sowohl als *Etwas* als auch als *Anderes* bestimmt, hiermit *dasselbe*, und es ist noch kein Unterschied derselben vorhanden. Diese *Dieselbigkeit* der Bestimmungen fällt aber ebenso nur in die äußere Reflexion, in die *Vergleichung* beider; aber wie das *Anderes*

a diferença e o algo que deve ser tomado como afirmativo. Mas *este* enuncia precisamente isto, que este distinguir e destacar de um algo é um designar subjetivo que cai fora do próprio algo.

A determinidade inteira se situa nesse mostrar exterior; até mesmo a expressão *este* não contém qualquer diferença; todos e cada algo são tão perfeitamente *estes* quanto são também outros. *Opina-se* expressar algo perfeitamente determinado por "este"; não se percebe que a linguagem, como obra do entendimento, enuncia somente o universal, exceto no nome de um objeto singular; o nome individual, porém, é um disparate no sentido de que ele não expressa um universal, e aparece como um meramente posto, arbitrário pela mesma razão pela qual nomes singulares também podem ser arbitrariamente assumidos, dados ou igualmente mudados.

§ 3 Com isso, o ser outro aparece como uma determinação estranha ao ser aí assim determinado ou o outro *fora* de um ser aí; pelo fato de que um ser aí seja determinado como outro, mas não seja assim para si, em parte, apenas pelo *comparar* de um terceiro, em parte, também por causa do outro que lhe é exterior. Ao mesmo tempo, como foi mencionado, todo ser aí se determina, também para a representação, igualmente como um outro ser aí, de tal modo que não permanece um ser aí que seria determinado apenas como ser aí, que não seria fora de um ser aí, portanto, não seria, ele mesmo, um outro.

§ 4 Ambos estão determinados tanto como *algo* quanto como *outro*, com isso *o mesmo*, e não existe ainda qualquer diferença dos mesmos. Essa *mesmidade* das determinações se situa, porém, igualmente apenas na reflexão exterior, na *comparação* de ambos; mas como o *outro*

zunächst gesetzt ist, so ist dasselbe für sich zwar in Beziehung auf das Etwas, aber auch *für sich außerhalb desselben*.

§ 5 *Drittens* ist daher das *Andere* zu nehmen als isoliert, in Beziehung auf sich selbst; *abstrakt* als das *Andere*; τὸ ἕτερον des Platon, der es als eines der Momente der Totalität *dem Einen* entgegensetzt und *dem Anderen* auf diese Weise eine eigene *Natur* zuschreibt. So ist das *Andere*, allein als solches gefasst, nicht das *Andere* von Etwas, sondern das *Andere* an ihm selbst, d. i. das *Andere* seiner selbst. – Solches seiner Bestimmung nach *Andere* ist die *physische Natur*, sie ist das *Andere des Geistes*; diese ihre Bestimmung ist so zunächst eine bloße Relativität, wodurch nicht eine Qualität der Natur selbst, sondern nur eine ihr äußerliche Beziehung ausgedrückt wird. Aber indem der Geist das wahrhafte Etwas und die Natur daher an ihr selbst nur das ist, was sie gegen den Geist ist, so ist, insofern sie für sich genommen wird, ihre Qualität eben dies, das *Andere* an ihr selbst, das *Außer-sich-Seiende* (in den Bestimmungen des Raums, der Zeit, der Materie) zu sein.

§ 6 Das *Andere* für sich ist das *Andere* an ihm selbst, hiermit das *Andere* seiner selbst, so das *Andere* des *Anderen*, - also das in sich schlechthin Ungleiche, sich Negierende, das sich *Verändernde*. Aber ebenso bleibt es identisch mit sich, denn dasjenige, in welches es sich veränderte, ist das *Andere*, das sonst weiter keine Bestimmung hat, aber das sich Verändernde ist auf keine verschiedene Weise, sondern auf dieselbe, ein *Anderes* zu sein, bestimmt; es *geht* daher in demselben *nur mit sich zusammen*. So ist es gesetzt als in sich Reflektiertes mit Aufheben des *Andersseins*, mit sich *identisches* Etwas, von dem hiermit das *Anderssein*, das zugleich Moment desselben ist, ein *Unterschiedenes*, ihm nicht als Etwas selbst zukommendes ist.

inicialmente está posto, assim o mesmo é para si, com efeito, na relação ao algo, mas também *para si fora do mesmo*.

§ 5 *Portanto, em terceiro lugar*, o *outro* deve ser tomado como isolado em relação a si mesmo, *abstratamente* como o *outro*; τὸ ἕτερον de Platão que o opõe como um dos momentos da totalidade *ao uno* e atribui, dessa maneira, *ao outro* uma *natureza* própria. Assim o *outro*, apenas conceitualizado como tal, não é o *outro* de algo, mas o *outro* nele mesmo, isto é, o *outro* de si mesmo. – Tal *outro* conforme sua determinação é a *natureza física*; ela é o *outro do espírito*; essa sua determinação é, assim, inicialmente, uma mera relatividade, com o que não se expressa uma qualidade da própria natureza, mas somente uma relação que lhe é exterior. Mas na medida em que o espírito é o algo verdadeiro e a natureza, portanto, nela mesma apenas o que ela é contra o espírito, assim sua qualidade é, na medida em que ela seja tomada para si, justamente a de ser o *outro* nela mesma, o *sendo fora de si* (nas determinações do espaço, do tempo, da matéria).

§ 6 O *outro* para si é o *outro* nele mesmo, com isso o *outro* de si mesmo, assim o *outro* do *outro*, – portanto o desigual em si por excelência, [o] se negando, [o] se *transformando*. Mas ele igualmente permanece idêntico a si, uma vez que aquele no qual ele se transformou é o *outro* que não tem de outra maneira qualquer outra determinação, mas [o *outro*] se transformando não está determinado de nenhuma maneira diversa, mas da mesma para ser um *outro*; portanto, no mesmo ele *se une apenas consigo mesmo*. Assim ele está posto como refletido em si com o suprasumir do ser *outro*, algo *idêntico* a si, do qual, com isso, ao mesmo tempo, o ser *outro* que é, ao mesmo tempo, momento do mesmo é um diferenciado, não lhe competindo como algo

| | |
|--|--|
| | próprio. |
| § 7 2. Etwas <i>erhält</i> sich in seinem Nichtdasein; es ist wesentlich <i>eins</i> mit ihm und wesentlich <i>nicht eins</i> mit ihm. Es steht also <i>in Beziehung</i> auf sein Anderssein; es ist nicht rein sein Anderssein. Das Anderssein ist zugleich in ihm enthalten und zugleich noch davon <i>getrennt</i> ; es ist <i>Sein-für-Anderes</i> . | § 7 2. Algo se <i>conserva</i> no seu não ser aí; ele é essencialmente <i>uno</i> com ele e essencialmente <i>não uno</i> com ele. Portanto, ele se encontra <i>em relação com</i> o seu ser outro; não é puramente o seu ser outro. O ser outro está, ao mesmo tempo, contido nele e, ao mesmo tempo, ainda <i>separado</i> dele; ele é <i>ser para outro</i> . |
| § 8 Dasein als solches ist Unmittelbares, Beziehungsloses; oder es ist in der Bestimmung des <i>Seins</i> . Aber Dasein als das Nichtsein in sich schließend ist <i>bestimmtes</i> , in sich verneintes Sein und dann zunächst Anderes, - aber weil es sich in seiner Verneinung zugleich auch erhält, nur <i>Sein-für-Anderes</i> . | § 8 O <i>ser aí como tal é imediato, sem relação</i> ; ou ele é na determinação do <i>ser</i> . Mas o ser aí como incluindo em si o não ser é um ser determinado, negado em si e então, inicialmente, um outro, - mas, porque ele também se conserva no seu negar, apenas <i>ser para outro</i> . |
| § 9 Es erhält sich in seinem Nichtdasein und ist Sein, aber nicht Sein überhaupt, sondern als Beziehung auf sich <i>gegen</i> seine Beziehung auf Anderes, als Gleichheit mit sich gegen seine Ungleichheit. Ein solches Sein ist <i>Ansichsein</i> . | § 9 Ele se conserva no seu não ser aí e é ser, mas não ser em geral, mas como relação a si <i>contra</i> sua relação com outro, como igualdade consigo contra sua desigualdade. Um tal ser é <i>ser em si</i> . |
| § 10 Sein-für-Anderes und Ansichsein machen die <i>zwei Momente</i> des Etwas aus. Es sind <i>zwei Paare</i> von Bestimmungen, die hier vorkommen: 1. <i>Etwas</i> und <i>Anderes</i> ; 2. <i>Sein-für-Anderes</i> und <i>Ansichsein</i> . Die ersteren enthalten die Beziehungslosigkeit ihrer Bestimmtheit; Etwas und Anderes fallen auseinander. Aber ihre Wahrheit ist ihre Beziehung; das Sein-für-Anderes und das Ansichsein sind daher jene Bestimmungen als <i>Momente</i> eines und desselben gesetzt, als Bestimmungen, welche Beziehungen sind und in ihrer Einheit, in der Einheit des Daseins bleiben. Jedes selbst enthält damit an ihm zugleich auch sein von ihm verschiedenes Moment. | § 10 Ser para outro e ser em si constituem os <i>dois momentos</i> do algo. São <i>dois pares</i> de determinações que aparecem aqui: 1. <i>algo e outro</i> ; 2. <i>ser para outro e ser em si</i> . Os primeiros contêm a ausência de relacionalidade da sua determinidade; algo e outro divergem. Mas sua verdade é sua relação; o ser para outro e o ser em si são, portanto, aquelas determinações postas como <i>momentos</i> do único e mesmo, como determinações que são relações e permanecem na sua unidade, na unidade do ser aí. Com isso, cada um contém mesmo nele, ao mesmo tempo, também seu momento diverso dele. |
| § 11 Sein und Nichts in ihrer Einheit, welche Dasein ist, sind nicht mehr als Sein und Nichts, - dies sind sie nur außer ihrer Einheit; so in ihrer unruhigen Einheit, im Werden, sind sie Entstehen und Vergehen. - Sein im Etwas | § 11 Ser e nada na sua unidade que é o ser aí não são mais como ser e nada, -isso eles são apenas fora da sua unidade; assim, na sua unidade inquieta, no devir, eles são surgir e perecer. - Ser em algo é <i>ser em si</i> . Ser, a relação |

ist *Ansichsein*. Sein, die Beziehung auf sich, die Gleichheit mit sich, ist jetzt nicht mehr unmittelbar, sondern Beziehung auf sich nur als Nichtsein des Andersseins (als in sich reflektiertes Dasein). – Ebenso ist Nichtsein als Moment des Etwas in dieser Einheit des Seins und Nichtseins nicht Nichtdasein überhaupt, sondern Anderes und bestimmter nach der *Unterscheidung* des Seins von ihm zugleich *Beziehung* auf sein Nichtdasein, Sein-für-Anderes.

§ 12 Somit ist *Ansichsein* erstlich negative Beziehung auf das Nichtdasein, es hat das Anderssein außer ihm und ist demselben entgegen; insofern Etwas *an sich* ist, ist es dem Anderssein und dem Sein-für-Anderes entnommen. Aber zweitens hat es das Nichtsein auch selbst an ihm; denn es selbst *ist das Nichtsein* des Seins-für-Anderes.

§ 13 Das *Sein-für-Anderes* aber ist erstlich Negation der einfachen Beziehung des Seins auf sich, die zunächst Dasein und Etwas sein soll; insofern Etwas in einem Anderen oder für ein Anderes ist, entbehrt es des eigenen Seins. Aber zweitens ist es nicht das Nichtdasein als reines Nichts; es ist Nichtdasein, das auf das *Ansichsein* als auf sein in sich reflektiertes Sein hinweist, so wie umgekehrt das *Ansichsein* auf das *Sein-für-Anderes* hinweist.

§ 14 3. Beide Momente sind Bestimmungen eines und desselben, nämlich des Etwas. *Ansich* ist Etwas, insofern es aus dem *Sein-für-Anderes* heraus, in sich zurückgekehrt ist. Etwas hat aber auch eine Bestimmung oder Umstand *an sich* (hier fällt der Akzent auf *an*) oder *an ihm*, insofern dieser Umstand äußerlich *an ihm*, ein *Sein-für-Anderes* ist.

§ 15 Dies führt zu einer weiteren Bestimmung. *Ansichsein* und *Sein-für-Anderes* sind zunächst verschieden; aber dass Etwas *dasselbe, was es an sich* ist, auch *an ihm* hat, und umgekehrt, was

a si, a igualdade consigo, agora não é mais imediato, mas relação a si apenas como não ser do ser outro (como ser aí refletido em si). – Igualmente o não ser, como momento do algo nessa unidade do ser e não ser, não é não ser-aí em geral, mas outro e mais determinado conforme a *distinção* do ser dele simultaneamente *relação* com seu não ser aí, ser para outro.

§ 12 Com isso o *ser em si* é, primeiramente, relação negativa com o não ser aí, ele tem o ser outro fora dele e é oposto ao mesmo; na medida em que algo seja *em si*, ele está retirado do ser outro e do ser para outro. Mas, em segundo lugar, tem também o não ser nele mesmo; já que ele mesmo *é o não ser* do ser para outro.

§ 13 O *ser para outro*, porém, é, primeiramente, negação da relação simples a si do ser, que deve ser, inicialmente, ser aí e algo; na medida em que algo seja em um outro ou para um outro, ele carece do próprio ser. Mas, em segundo lugar, ele não é o não ser aí como nada puro; ele é não ser aí que aponta para o ser em si como para o seu ser refletido em si, assim como inversamente o ser em si aponta para o ser para outro.

§ 14 3. Ambos os momentos são determinações do único e mesmo, a saber, do algo. *Em si* é algo na medida em que se afastou do ser-para-outro e retornou em si. Mas algo tem também uma determinação ou circunstância *em si* (aqui o acento recai sobre *em*) ou *nele*, na medida em que essa circunstância seja externa *nele*, um ser para outro.

§ 15 Isso conduz a uma determinação ulterior. *Ser em si* e ser para outro são, inicialmente, diversos; mas que algo tenha o *mesmo o que* ele é *em si* também *nele* e, inversamente, o que ele é

es als Sein-für-Anderes ist, auch an sich ist, – dies ist die Identität des Ansichseins und Seins-für-Anderes, nach der Bestimmung, dass das Etwas selbst ein und dasselbe beider Momente ist, sie also ungetrennt in ihm sind. –

como ser para outro seja também em si, – isto é a identidade do ser em si e do ser para outro, conforme a determinação de que o próprio algo é o único e mesmo de ambos os momentos que são, portanto, inseparados nele.

Es ergibt sich formell diese Identität schon in der Sphäre des Daseins, aber ausdrücklicher in der Betrachtung des Wesens und dann des Verhältnisses der *Innerlichkeit* und *Äußerlichkeit*, und am bestimmtesten in der Betrachtung der Idee als der Einheit des Begriffs und der Wirklichkeit. – Man meint, mit dem *Ansich* etwas Hohes zu sagen, wie mit dem *Inneren*; was aber Etwas *nur an sich* ist, ist auch *nur an ihm*; "an sich" ist eine nur abstrakte, damit selbst äußerliche Bestimmung. Die Ausdrücke "es ist nichts *an ihm*" oder "es ist etwas *daran*" enthalten, obgleich etwa[s] dunkel, daß das, was *an einem* ist, auch zu seinem *Ansichsein*, seinem inneren wahrhaften Werte.

Essa identidade já se encontra formalmente na esfera do ser aí, mas mais explicitamente na consideração da essência e então da relação da *interioridade* e *exterioridade*, e do modo mais determinado na consideração da ideia como unidade do conceito e da efetividade. – Opina-se dizer algo elevado com o *em si*, como com o *interior*; mas o que algo *só é em si*, isso também é *somente nele*; "em si" é apenas uma determinação abstrata, sendo, portanto, ela própria externa. As expressões "não há nada *nele*" ou "há algo *nisto*" contêm, embora com um pouco de obscuridade, que aquilo que está *em um [objeto]* também pertence ao seu *ser em si*, ao seu verdadeiro valor interior.

§ 16 Es kann bemerkt werden, dass sich hier der Sinn des *Dings-an-sich* ergibt, das eine sehr einfache Abstraktion ist, aber eine Zeitlang eine sehr wichtige Bestimmung, gleichsam etwas Vornehmes, so wie der Satz, dass wir nicht wissen, was die Dinge an sich sind, eine vielgeltende Weisheit war.

§ 16 Pode-se observar que aqui se encontra o sentido da *coisa em si*, que é uma abstração muito simples, mas que foi durante algum tempo uma determinação muito importante, como se fosse algo nobre, assim como a sentença de que nós não sabemos o que são as coisas em si foi uma sabedoria amplamente aceita.

– Die Dinge heißen an-sich, insofern von allem Sein-für-Anderes abstrahiert wird, das heißt überhaupt, insofern sie ohne alle Bestimmung, als Nichtse gedacht werden. In diesem Sinn kann man freilich nicht wissen, *was* das Ding an-sich ist. Denn die Frage *Was?* verlangt, dass *Bestimmungen* angegeben werden; indem aber die Dinge, von denen sie anzugeben verlangt würde, zugleich *Dinge-an-sich* sein sollen, das heißt eben ohne

– As coisas se chamam em si, na medida em que se abstraia de todo ser para outro, ou seja, em geral, na medida em que elas sejam pensadas sem qualquer determinação, como *nadas*¹. Nesse sentido, porém, não se pode saber *o que* é a coisa em si. Pois a questão *o quê?* exige que sejam aduzidas *determinações*; mas na medida em que as coisas das quais elas deveriam ser aduzidas devem, ao mesmo tempo, ser *coisas em si*, quer dizer, justamente

¹ O termo em alemão "Nichtse" é usado por Hegel referindo-se ao "Nichts" no plural. Decidiu-se criar o neologismo "nadas" em português para manter a proximidade com o original alemão.

| | |
|---|---|
| Bestimmung, so ist in die Frage gedankenloserweise die Unmöglichkeit der Beantwortung gelegt, oder man macht nur eine widersinnige Antwort. | sem determinação, assim, na questão está posta, de modo irrefletido, a impossibilidade de respondê-la, ou se elabora somente uma resposta paradoxal. |
| – Das Ding-an-sich ist dasselbe, was jenes Absolute, von dem man nichts weiß, als dass Alles eins in ihm ist. Man weiß daher sehr wohl, was <i>an</i> diesen Dingen-an-sich ist; sie sind als solche nichts als wahrheitslose, leere Abstraktionen. Was aber das Ding-an-sich in Wahrheit ist, was wahrhaft an sich ist, davon ist die Logik die Darstellung, wobei aber unter <i>Ansich</i> etwas Besseres als die Abstraktion verstanden wird, nämlich was etwas in seinem Begriffe ist; dieser aber ist konkret in sich, als Begriff überhaupt begreiflich und als bestimmt und Zusammenhang seiner Bestimmungen in sich erkennbar. | – A coisa em si é o mesmo que aquele absoluto, do qual não se sabe nada mais exceto que nele tudo é uno. Sabe-se, portanto, muito bem o que há <i>nessas</i> coisas em si; como tais, elas nada mais são do que abstrações sem verdade, vazias. Mas o que a coisa em si é na verdade, o que é verdadeiramente em si, disso a Lógica é a apresentação, só que sob [o] <i>em -si</i> se compreende algo melhor do que a abstração, a saber, o que algo é no seu conceito; mas este é concreto em si, como conceito em geral compreensível e cognoscível em si como determinado e como conexão de suas determinações. |
| § 17 Das Ansichsein hat zunächst das Sein-für-Anderes zu seinem gegenüberstehenden Momente; aber es wird demselben auch das <i>Gesetzsein</i> gegenübergestellt; in diesem Ausdruck liegt zwar auch das Sein-für-Anderes, aber er enthält bestimmt die bereits geschehene Zurückbeugung dessen, was nicht an sich ist, in das, was sein Ansichsein, worin es <i>positiv</i> ist. Das <i>Ansichsein</i> ist gewöhnlich als eine abstrakte Weise, den Begriff auszudrücken, zu nehmen; <i>Setzen</i> fällt eigentlich erst in die Sphäre des Wesens, der objektiven Reflexion; der Grund setzt das, was durch ihn begründet wird; die Ursache noch mehr <i>bringt</i> eine Wirkung <i>hervor</i> , ein Dasein, dessen Selbständigkeit <i>unmittelbar</i> negiert ist und das den Sinn an ihm hat, in einem Anderen seine <i>Sache</i> , sein Sein zu haben. | § 17 O ser em si tem, inicialmente, o ser para outro como seu momento oposto; mas também se opõe ao mesmo o <i>ser posto</i> ; nessa expressão reside, com efeito, também o ser para outro, mas ela contém de modo determinado a flexão para trás, já ocorrida, do que não é em si no que é seu ser em si, em que é <i>positivo</i> . O <i>ser em si</i> deve, correntemente, ser tomado como uma maneira abstrata para expressar o conceito; a rigor, o <i>pôr</i> se situa apenas na esfera da essência, da reflexão objetiva; o fundamento põe o que é fundamentado por ele; a causa <i>faz surgir</i> ainda mais um efeito, um ser aí, cuja autonomia está negada <i>imediatamente</i> e o qual tem nele o sentido de ter sua <i>coisa</i> , seu ser em um outro. |
| In der Sphäre des Seins <i>geht</i> das Dasein aus dem Werden nur <i>hervor</i> , oder mit dem Etwas ist ein Anderes, mit dem Endlichen das Unendliche gesetzt, aber das Endliche bringt das Unendliche nicht hervor, <i>setzt</i> dasselbe nicht. In der Sphäre des Seins ist das | Na esfera do ser, o ser aí apenas <i>procede</i> do devir, ou com o algo está posto um outro, com o finito o infinito, mas o finito não faz surgir o infinito, não <i>põe</i> o mesmo. Na esfera do ser, o <i>autodeterminar-se</i> do próprio conceito é apenas primeiramente <i>em si</i> , – assim se chama uma |

Sichbestimmen des Begriffs selbst nur erst *an sich*, – so heißt es ein Übergehen; auch die reflektierenden Bestimmungen des Seins, wie Etwas und Anderes oder das Endliche und Unendliche, ob sie gleich wesentlich aufeinander hinweisen oder als Sein-für-Anderes sind, gelten als *qualitative* für sich bestehend; das *Andere ist*, das Endliche gilt ebenso als *unmittelbar seiend* und für sich feststehend wie das Unendliche; ihr Sinn erscheint als vollendet auch ohne ihr Anderes. Das Positive und Negative hingegen, Ursache und Wirkung, sosehr sie auch als isoliert seiend genommen werden, haben zugleich keinen Sinn ohne einander; es ist *an ihnen selbst* ihr Scheinen ineinander, das Scheinen seines Anderen in jedem, vorhanden. –

In den verschiedenen Kreisen der Bestimmung und besonders im Fortgange der Exposition oder näher im Fortgange des Begriffs zu seiner Exposition ist es eine Hauptsache, dies immer wohl zu unterscheiden, was noch *an sich* und was *gesetzt* ist, wie die Bestimmungen als im Begriffe und wie sie als gesetzt oder als seiend-für-Anderes sind. Es ist dies ein Unterschied, der nur der dialektischen Entwicklung angehört, den das metaphysische Philosophieren, worunter auch das kritische gehört, nicht kennt; die Definitionen der Metaphysik wie ihre Voraussetzungen, Unterscheidungen und Folgerungen wollen nur *Seiendes* und zwar *Ansichseiendes* behaupten und hervorbringen.

§ 18 Das *Sein-für-Anderes* ist in der Einheit des Etwas mit sich, identisch mit seinem *Ansich*; das Sein-für-Anderes ist so *am* Etwas. Die so in sich reflektierte Bestimmtheit ist damit wieder *einfache seiende*, somit wieder eine Qualität, – die *Bestimmung*.

passagem; também as determinações reflexionantes do ser, como algo e outro ou o finito e infinito embora essencialmente apontem uma para a outra ou sejam como ser para outro, são consideradas como *qualitativas* subsistindo para si; o outro é, o finito de igual modo *sendo imediatamente* e estando firme para si como o infinito; seu sentido aparece como consumado também sem seu outro. O positivo e o negativo, pelo contrário, a causa e o efeito, por mais que sejam tomados também como sendo isoladamente, ao mesmo tempo [eles] não têm qualquer sentido um sem o outro; seu aparecer um no outro existe *neles mesmos*, o aparecer de seu outro em cada um.

Nos diversos círculos da determinação, e em especial na progressão da exposição ou mais precisamente na progressão do conceito em sua exposição, é uma coisa importante bem distinguir sempre aquilo que ainda é *em si* e o que está *posto*, como as determinações são como no conceito e como são elas como postas ou como sendo para outro. Esta é uma diferença que apenas pertence ao desenvolvimento dialético, que o filosofar metafísico, do qual faz parte também o crítico, não conhece; as definições da metafísica, assim como seus pressupostos, distinções e inferências querem afirmar e produzir apenas o *sendo* e mais precisamente o *sendo em si*.

§ 18 O *ser para outro* é na unidade do algo consigo, é idêntico ao seu *em si*; o ser para outro esta assim *em* algo. A determinidade assim refletida em si é, com isso, de novo um *simples sendo*, com isso, de novo uma qualidade, – a *determinação*.

b. Bestimmung, Beschaffenheit und Grenze

§ 1 Das *Ansich*, in welches das Etwas aus seinem Sein-für-Anderes in sich reflektiert ist, ist nicht mehr abstraktes *Ansich*, sondern als Negation seines Seins-für-Anderes durch dieses vermittelt, welches so sein Moment ist. Es ist nicht nur die unmittelbare Identität des Etwas mit sich, sondern die, durch welche das Etwas das, was es *an sich* ist, auch *an ihm* ist; das Sein-für-Anderes ist *an ihm*, weil das *Ansich* das Aufheben desselben ist, *aus demselben* in sich ist; aber ebenso sehr auch schon, weil es abstrakt, also wesentlich mit Negation, mit Sein-für-Anderes behaftet ist. Es ist hier nicht nur Qualität und Realität, seiende Bestimmtheit, sondern an-sich-seiende Bestimmtheit vorhanden, und die Entwicklung ist, sie als diese in sich reflektierte Bestimmtheit *zu setzen*.

§ 2 1. Die Qualität, die das *Ansich* im einfachen Etwas wesentlich in Einheit mit dessen anderem Momente, dem *An-ihm-Sein* ist, kann seine *Bestimmung* genannt werden, insofern dieses Wort in genauer Bedeutung von *Bestimmtheit* überhaupt unterschieden wird. Die *Bestimmung* ist die affirmative Bestimmtheit als das *Ansichsein*, dem das Etwas in seinem Dasein gegen seine Verwicklung mit Anderem, wovon es bestimmt würde, gemäß bleibt, sich in seiner Gleichheit mit sich erhält, sie in seinem Sein-für-Anderes geltend macht. Es *erfüllt* seine *Bestimmung*, insofern die weitere Bestimmtheit, welche zunächst durch sein Verhalten zu Anderem mannigfaltig erwächst, seinem *Ansichsein* gemäß, seine Fülle wird. Die *Bestimmung* enthält dies, dass, was etwas *an sich* ist, auch *an ihm* sei.

§ 3 Die *Bestimmung* des Menschen ist die denkende Vernunft: Denken überhaupt ist seine einfache *Bestimmtheit*, er ist durch dieselbe

b. Determinação, constituição e limite

§ 1 O *em si*, no qual o algo está refletido em si a partir do seu ser para outro, não é mais em si abstrato, mas, como negação do seu ser para outro, mediado por meio deste, que é, assim, seu momento. Não é apenas a identidade imediata do algo consigo, mas aquela pela qual o algo é aquilo que é *em si também nele*; o ser para outro é *nele*, porque o *em si* é o suprasumir do mesmo, *a partir do mesmo* em si; mas também já e igualmente porque ele é abstrato, portanto, está essencialmente marcado com negação, com ser para outro. Aqui não existe apenas qualidade e realidade, determinidade sendo, mas determinidade sendo em si, e o desenvolvimento é *pô-la* como essa determinidade refletida em si.

§ 2 (1) A qualidade que o em si é no algo simples essencialmente na unidade com seu outro momento, o *ser nele*, pode ser denominada sua *determinação*, na medida em que essa palavra no seu significado exato seja distinguida da *determinidade* em geral. A *determinação* é a determinidade afirmativa como o ser em si, ao qual o algo permanece em conformidade no seu ser aí contra seu envolvimento com outro, pelo qual ele seria determinado, se conserva na sua igualdade consigo, fazendo-a valer no seu ser para outro. Ele *preenche* sua *determinação*, na medida em que a determinidade ulterior que, primeiramente, surge de várias maneiras pelo seu comportamento para com outro, se torna, em conformidade com o seu ser em si, sua plenitude. A *determinação* contém isso, a saber, que o que algo é *em si* também seja *nele*.

§ 3 A *determinação do ser humano* é a razão pensante: pensar em geral é sua *determinidade* simples, ele se distingue dos animais pela

von dem Tiere unterschieden; er ist Denken *an sich*, insofern dasselbe auch von seinem Sein-für-Anderes, seiner eigenen Natürlichkeit und Sinnlichkeit, wodurch er unmittelbar mit Anderem zusammenhängt, unterschieden ist. Aber das Denken ist auch *an ihm*; der Mensch selbst ist Denken, er *ist da* als denkend, es ist seine Existenz und Wirklichkeit; und ferner, indem es in seinem Dasein und sein Dasein im Denken ist, ist es *konkret*, ist mit Inhalt und Erfüllung zu nehmen, es ist denkende Vernunft, und so ist es *Bestimmung* des Menschen. Aber selbst diese Bestimmung ist wieder nur *an sich* als ein *Sollen*, d. i. sie mit der Erfüllung, die ihrem Ansich einverleibt ist, in der Form des Ansich überhaupt *gegen* das ihr nicht einverleibte Dasein, das zugleich noch als äußerlich gegenüberstehende, unmittelbare Sinnlichkeit und Natur ist.

§ 4 2. Die Erfüllung des Ansichseins mit Bestimmtheit ist auch unterschieden von der Bestimmtheit, die nur Sein-für-Anderes ist und außer der Bestimmung bleibt. Denn im Felde des Qualitativen bleibt den Unterschieden in ihrem Aufgehobensein auch das unmittelbare, qualitative Sein gegeneinander. Das, was das Etwas *an ihm* hat, teilt sich so und ist nach dieser Seite äußerliches Dasein des Etwas, das auch *sein* Dasein ist, aber nicht seinem Ansichsein angehört. - Die Bestimmtheit ist so *Beschaffenheit*.

§ 5 So oder anders beschaffen ist Etwas als in äußerem Einfluss und Verhältnissen begriffen. Diese äußerliche Beziehung, von der die Beschaffenheit abhängt, und das Bestimmtwerden durch ein Anderes erscheint als etwas Zufälliges. Aber es ist Qualität des Etwas, dieser Äußerlichkeit preisgegeben zu sein und eine *Beschaffenheit* zu haben.

§ 6 Insofern Etwas sich verändert, so fällt die Veränderung in die Beschaffenheit; sie ist *am* Etwas das, was ein Anderes wird. Es selbst

mesma; ele é pensar *em si*, na medida em que o mesmo também se distingue do seu ser para outro, da sua própria naturalidade e sensibilidade, pelas quais ele se liga imediatamente com outro. Mas o pensar é também *nele*; o próprio ser humano é pensar, ele *está aí* como pensante, [o pensar] é sua existência e efetividade; e além disso, na medida em que ele é no seu ser aí e seu ser aí no pensar, ele é *concreto*, deve ser tomado com conteúdo e preenchimento, é razão pensante, e assim ele é a *determinação* do ser humano. Mas até mesmo essa determinação é de novo apenas *em si* como um *dever ser*, isto é, ela com o preenchimento que está incorporado em seu em si, na forma do em si em geral *contra* o ser aí não incorporado nela que está ao mesmo tempo ainda como sensibilidade e natureza imediata exteriormente confrontante.

§ 4 (2) O preenchimento do ser em si com determinidade deve ser também distinguido da determinidade que é apenas ser para outro e permanece fora da determinação. Pois, no campo do qualitativo, para as diferenças permanece no seu ser suprassumido também o ser qualitativo, imediato um contra o outro. O que o algo tem *nele* se separa assim e é, para esse lado, um ser aí exterior do algo que é também *seu* ser aí, mas não pertence ao seu ser em si. - A determinidade é assim *constituição*.

§ 5 Algo é constituído assim ou de outro modo como apreendido em influência e relações externas. Essa relação exterior, da qual depende a constituição, e o ser determinado por um outro aparece como algo accidental. Mas é uma qualidade do algo ser desabrigado dessa exterioridade e ter uma *constituição*.

§ 6 Na medida em que algo se transforme, a mudança se situa na constituição; ela é *em* algo aquilo que se torna um outro. Ele próprio se

erhält sich in der Veränderung, welche nur diese unstete Oberfläche seines Andersseins, nicht seine Bestimmung trifft.

§ 7 Bestimmung und Beschaffenheit sind so voneinander unterschieden; Etwas ist seiner Bestimmung nach gleichgültig gegen seine Beschaffenheit. Das aber, was Etwas *an ihm* hat, ist die sie beide verbindende Mitte dieses Schlusses. Das *Am-Etwas*-Sein zeigte sich aber vielmehr, in jene beiden Extreme zu zerfallen. Die einfache Mitte ist die *Bestimmtheit* als solche; ihrer Identität gehört sowohl Bestimmung als Beschaffenheit an. Aber die Bestimmung geht für sich selbst in Beschaffenheit und diese in jene über.

Dies liegt im Bisherigen; der Zusammenhang ist näher dieser: Insofern das, was Etwas *an sich* ist, auch *an ihm* ist, ist es mit Sein-für-Anderes behaftet; die Bestimmung ist damit als solche offen dem Verhältnis zu Anderem. Die Bestimmtheit ist zugleich Moment, enthält aber zugleich den qualitativen Unterschied, vom Ansichsein verschieden, das Negative des Etwas, ein anderes Dasein zu sein. Die so das Andere in sich fassende Bestimmtheit, mit dem Ansichsein vereinigt, bringt das Anderssein in das Ansichsein oder in die Bestimmung hinein, welche dadurch zur Beschaffenheit herabgesetzt ist.

– Umgekehrt das Sein-für-Anderes als Beschaffenheit isoliert und für sich gesetzt, ist es an ihm dasselbe, was das Andere als solches, das Andere an ihm selbst, d. i. seiner selbst ist; so ist es aber sich *auf sich beziehendes* Dasein, so Ansichsein mit einer Bestimmtheit, also *Bestimmung*. - Es *hängt* hiermit, insofern beide auch äußereinanderzuhalten sind, die Beschaffenheit, die in einem Äußerlichen, einem Anderen überhaupt gegründet erscheint, auch von der Bestimmung *ab*, und das fremde Bestimmen ist durch die eigene, immanente des Etwas zugleich bestimmt. Aber ferner

conserva na mudança, que toca somente essa superfície inconstante do seu ser outro, não sua determinação.

§ 7 A determinação e a constituição são, assim, diferentes uma da outra. Algo é, conforme sua determinação, indiferente para com sua constituição. Mas aquilo que algo tem *nele* é o meio termo deste silogismo que conecta ambas. O *ser em algo* se mostrou, porém, pelo contrário, desmoronar [dividir-se] naqueles dois extremos. O meio termo simples é a *determinidade* como tal; à sua identidade pertencem tanto a determinação quanto a constituição. Mas a determinação passa para si mesma na constituição e essa naquela.

Isso reside no [argumento] anterior; a conexão é mais precisamente a seguinte: na medida em que aquilo que algo é *em si* também seja *nele*, ele está marcado com o ser para outro; a determinação está, por conseguinte, como tal aberta à relação com outro. A determinidade é, ao mesmo tempo, momento, mas contém, ao mesmo tempo a diferença qualitativa, diversa do ser em si, de ser o negativo do algo, um outro ser aí. A determinidade que assim conceitualiza o outro em si, unida ao ser em si, introduz o ser outro no ser em si ou na determinação, que, com isso, está rebaixada à constituição.

- Inversamente, o ser para outro como constituição isolada e posta para si, é nele o mesmo que [é] o outro como tal, o outro nele mesmo, isto é, o outro de si mesmo; assim ele é, porém, o ser aí *que se relaciona a si*, assim ser em si com uma determinidade, portanto, *determinação*. - Com isso, na medida em que ambas devam ser também discriminadas, a constituição, que aparece fundamentada em um externo, num outro em geral, *depende* também da determinação, e o determinar alheio está ao mesmo tempo determinado pela própria [determinação] imanente do algo. Mas,

| | |
|--|---|
| <p>gehört die Beschaffenheit zu dem, was das Etwas an sich ist: mit seiner Beschaffenheit ändert sich Etwas.</p> | <p>além disso, a constituição faz parte daquilo que o algo é em si: com sua constituição algo muda.</p> |
| <p>§ 8 Diese Änderung des Etwas ist nicht mehr die erste Veränderung des Etwas bloß nach seinem Sein-für-Anderes; jene erste war nur die an sich seiende, dem inneren Begriffe angehörige Veränderung; die Veränderung ist nunmehr auch die am Etwas gesetzte. - Das Etwas selbst ist weiter bestimmt und die Negation als ihm immanent gesetzt, als sein entwickeltes Insichsein.</p> | <p>§ 8 Essa mudança do algo não é mais a primeira mudança do algo apenas conforme o seu ser-para-outro; aquela primeira era apenas a mudança sendo em si, pertencente ao conceito interior; agora a mudança é também aquela que está posta em algo. – O próprio algo está ulteriormente determinado e a negação lhe está posta como imanente, como o seu ser-dentro-de-si desenvolvido.</p> |
| <p>§ 9 Zunächst ist das Übergehen der Bestimmung und Beschaffenheit ineinander das Aufheben ihres Unterschiedes; damit ist das Dasein oder Etwas überhaupt gesetzt, und indem es aus jenem Unterschiede resultiert, der das qualitative Anderssein ebenso in sich befasst, sind Zwei Etwas, aber nicht nur Andere gegeneinander überhaupt, so dass diese Negation noch abstrakt wäre und nur in die Vergleichung fiel, sondern sie ist nunmehr als den Etwas <i>immanent</i>. Sie sind als <i>daseiend</i> gleichgültig gegeneinander, aber diese ihre Affirmation ist nicht mehr unmittelbare, jedes bezieht sich auf sich selbst <i>vermittels</i> des Aufhebens des Andersseins, welches in der Bestimmung in das Ansichsein reflektiert ist.</p> | <p>§ 9 De início, a passagem da determinação e da constituição uma na outra é o suprassumir da sua diferença; com isso o ser aí ou algo em geral está posto, e, na medida em que ele resulta daquela diferença que igualmente comporta em si o ser outro qualitativo, dois algos são, mas não somente outros um contra outro em geral, de modo que essa negação seria ainda abstrata e apenas se situaria na comparação, mas ela é agora como <i>imanente</i> aos algos. Eles são como <i>sendo aí</i> indiferentes um contra outro, mas essa sua afirmação não é mais imediata, cada um se relaciona a si mesmo <i>por meio do</i> suprassumir do ser outro que na determinação está refletido no ser em si.</p> |
| <p>§ 10 Etwas verhält sich so <i>aus sich selbst</i> zum Anderen, weil das Anderssein als sein eigenes Moment in ihm gesetzt ist; sein Insichsein befasst die Negation in sich, vermittelt derer überhaupt es nun sein affirmatives Dasein hat. Aber von diesem ist das Andere auch qualitativ unterschieden, es ist hiermit außer dem Etwas gesetzt. Die Negation seines Anderen ist nur die Qualität des Etwas, denn als dieses Aufheben seines Anderen ist es Etwas. Damit tritt erst eigentlich das Andere einem Dasein selbst gegenüber; dem ersten Etwas ist das Andere nur äußerlich gegenüber, oder aber,</p> | <p>§ 10 - Algo se comporta assim <i>a partir de si mesmo</i> para com outro porque o ser outro está posto nele como seu próprio momento; seu ser dentro de si comporta a negação em si, por meio da qual ele tem agora em geral seu ser aí afirmativo. Mas deste o outro também é qualitativamente diferente, estando, com isto, posto fora do algo. A negação do seu outro é apenas a qualidade do algo, já que ele é algo como este suprassumir do seu outro. Apenas com isso, a rigor, o outro se defronta mesmo com um ser aí; ao primeiro algo o outro apenas se contrapõe externamente, ou então, na</p> |

indem sie in der Tat schlechthin, d. i. ihrem Begriffe nach zusammenhängen, ist ihr Zusammenhang dieser, dass das Dasein in Anderssein, Etwas in Anderes *übergegangen*, Etwas sosehr als das Andere ein Anderes ist.

Insofern nun das Insichsein das Nichtsein des Andersseins [ist], welches in ihm enthalten, aber zugleich als seiend unterschieden [ist], ist das Etwas selbst die Negation, *das Aufhören eines Anderen an ihm*; es ist als sich negativ dagegen verhaltend und sich damit erhaltend gesetzt; – dies Andere, das Insichsein des Etwas als Negation der Negation ist sein *Ansichsein*, und zugleich ist dies Aufheben als einfache Negation *an ihm*, nämlich als seine Negation des ihm äußerlichen anderen Etwas. Es ist *eine* Bestimmtheit derselben, welche sowohl mit dem Insichsein der Etwas identisch [ist], als Negation der Negation, als auch, indem diese Negationen als andere Etwas gegeneinander sind, sie aus ihnen selbst zusammenschließt und ebenso voneinander, jedes das Andere negierend, abscheidet, – die *Grenze*.

§ 11 3. *Sein-für-Anderes* ist unbestimmte, affirmative Gemeinschaft von Etwas mit seinem Anderen; in der Grenze hebt sich das *Nichtsein-für-Anderes* hervor, die qualitative Negation des Anderen, welches dadurch von dem in sich reflektierten Etwas abgehalten wird. Die Entwicklung dieses Begriffs ist zu sehen, welche sich aber vielmehr als Verwicklung und Widerspruch zeigt. Dieser ist sogleich darin vorhanden, dass die Grenze als in sich reflektierte Negation des Etwas die Momente des Etwas und des Anderen in ihr *ideell* enthält, und diese als unterschiedene Momente zugleich in der Sphäre des Daseins als *reell, qualitativ unterschieden* gesetzt sind.

§ 12 α) Etwas also ist unmittelbares sich auf sich beziehendes Dasein und hat eine Grenze zunächst als gegen Anderes: sie ist das

medida em que eles, de fato, se ligam pura e simplesmente, isto é, conforme o seu conceito, sua conexão é esta, a saber, que o ser aí *passou* no ser outro, algo no outro, algo é um outro tanto quanto o outro.

Na medida em que agora o ser dentro de si seja o não ser do ser outro, o qual está contido nele, mas ao mesmo tempo como sendo [é] distinto, o próprio algo é a negação, *o terminar de um outro nele*; ele está posto como o que se comporta negativamente contra [ele] e com isso conserva; – este outro, o ser dentro de si do algo como negação da negação é seu *ser em si*, e ao mesmo tempo este suprassumir como negação simples é *nele*, a saber, como sua negação do outro algo que lhe é exterior. É *uma* determinidade dos mesmos que é idêntica tanto ao ser dentro de si dos algos, como negação da negação, quanto, na medida em que essas negações, como outros algos, são um contra outro, aglutina-os a partir deles mesmos e igualmente os separa, sendo que cada um nega o outro, – o *limite*.

§ 11 (3) O *ser para outro* é comunidade indeterminada, afirmativa de algo com seu outro; no limite se destaca o *não ser* para outro, a negação qualitativa do outro, que com isto é impedido do algo refletido em si. Deve-se ver o desenvolvimento desse conceito, que, porém, se mostra como envolvimento e contradição. Esta existe desde logo no fato de que o limite como negação refletida em si do algo contém *idealmente* nela os momentos do algo e do outro, e estes como momentos diferentes estão postos ao mesmo tempo na esfera do ser aí como *reais, qualitativamente distinguidos*.

§ 12 α) Algo, portanto, é ser aí imediato que se relaciona a si e tem um limite, inicialmente, como sendo contra outro: ele é o não ser do

Nichtsein des Anderen, nicht des Etwas selbst; es begrenzt in ihr sein Anderes. – Aber das Andere ist selbst ein Etwas überhaupt; die Grenze also, welche das Etwas gegen das Andere hat, ist auch Grenze des Anderen als Etwas, Grenze desselben, wodurch es das erste Etwas als *sein* Anderes von sich abhält, oder ist ein *Nichtsein jenes Etwas*; so ist sie nicht nur Nichtsein des Anderen, sondern des einen wie des anderen Etwas, somit des *Etwas* überhaupt.

§ 13 Aber sie ist wesentlich ebenso das Nichtsein des Anderen, so *ist* Etwas zugleich durch seine Grenze. Indem Etwas begrenzend ist, wird es zwar dazu herabgesetzt, selbst begrenzt zu sein; aber seine Grenze ist, als Aufhören des Anderen an ihm, zugleich selbst nur das Sein des Etwas; *dieses ist durch sie das, was es ist*, hat *in ihr seine Qualität*. – Dies Verhältnis ist die äußere Erscheinung dessen, dass die Grenze einfache Negation oder die erste Negation, das Andere aber zugleich die Negation der Negation, das Insichsein des Etwas ist.

§ 14 Etwas ist also als unmittelbares Dasein die Grenze gegen anderes Etwas, aber es hat sie *an ihm selbst* und ist Etwas durch die Vermittlung derselben, die ebenso sehr sein Nichtsein ist. Sie ist die Vermittlung, wodurch Etwas und Anderes *sowohl ist als nicht ist*.

§ 15 β) Insofern nun Etwas in seiner Grenze *ist* und *nicht ist* und diese Momente ein unmittelbarer, qualitativer Unterschied sind, so fällt das Nichtdasein und das Dasein des Etwas außeinander. Etwas hat sein Dasein außer (oder, wie man es sich auch vorstellt, *innerhalb*) seiner Grenze; ebenso ist auch das Andere, weil es Etwas ist, außerhalb derselben. Sie ist die *Mitte zwischen* beiden, in der sie aufhören. Sie haben das *Dasein jenseits* voneinander und *von ihrer Grenze*; die Grenze als das Nichtsein eines jeden ist das Andere von beiden.

§ 16 Nach dieser Verschiedenheit des Etwas

outro, não do próprio algo; ele limita nele [no limite] o seu outro. – Mas o outro é ele próprio um algo em geral; o limite, portanto, que o algo tem contra o outro é também limite do outro como algo, limite do mesmo, por onde ele [o outro] impede o primeiro algo distante de si como *seu* outro, ou é um *não ser daquele algo*; assim ele [o limite] não é apenas não ser do outro, mas tanto do um algo quanto do outro algo, portanto do *algo* em geral.

§ 13 Mas ele é essencialmente do mesmo modo o não ser do outro, e assim algo *é* ao mesmo tempo por meio do seu limite. Na medida em que algo é limitante, ele é, com efeito, rebaixado a ser ele próprio limitado; mas seu próprio limite é, como terminar do outro nele, ao mesmo tempo, apenas o ser do algo; *este é por meio dele [o limite] o que é*, tem *nele sua qualidade*. – Essa relação é o fenômeno externo do fato de que o limite é negação simples ou a primeira negação, o outro, porém, é ao mesmo tempo a negação da negação, o ser dentro de si do algo.

§ 14 Algo é, portanto, como ser aí imediato, o limite contra outro algo, mas ele o [o limite] tem *nele mesmo* e é algo por meio da mediação do limite, que é também seu não ser. Ele é a mediação pela qual algo e outro *tanto são quanto não são*.

§ 15 β) Ora, na medida em que algo *é* e *não é* no seu limite, e estes momentos são uma diferença qualitativa, imediata, o não ser aí e o ser aí do algo se situam um fora do outro. Algo tem seu ser aí fora (ou, como se o representa também, *dentro*) do seu limite; igualmente o outro é também, por ser algo, fora do mesmo [do limite]. Ele é o *meio termo entre* ambos, no qual eles terminam. Eles têm o ser aí *além* um do outro e *do seu limite*; o limite como o não ser de cada um é o outro de ambos.

§ 16 Conforme essa diversidade do algo para

von seiner Grenze erscheint die *Linie* als Linie nur außerhalb ihrer Grenze, des Punktes; die *Fläche* als Fläche außerhalb der Linie; der *Körper* als Körper nur außerhalb seiner begrenzenden Fläche. – Dies ist die Seite, von welcher die Grenze zunächst in die Vorstellung – das Außersichsein des Begriffes – fällt, als vornehmlich auch in den räumlichen Gegenständen genommen wird.

§ 17 γ) Ferner aber ist das Etwas, wie es außer der Grenze ist, das unbegrenzte Etwas, nur das Dasein überhaupt. So ist es nicht von seinem Anderen unterschieden; es ist nur Dasein, hat also mit seinem Anderen dieselbe Bestimmung, jedes ist nur Etwas überhaupt, oder jedes ist Anderes; beide sind so *dasselbe*. Aber dies ihr zunächst unmittelbares Dasein ist nun gesetzt mit der Bestimmtheit als Grenze, in welcher beide sind, was sie sind, unterschieden voneinander. Sie ist aber ebenso ihre *gemeinschaftliche* Unterschiedenheit, die Einheit und Unterschiedenheit derselben, wie das Dasein. Diese doppelte Identität beider, das Dasein und die Grenze, enthält dies, dass das Etwas sein Dasein nur in der Grenze hat und dass, indem die Grenze und das unmittelbare Dasein beide zugleich das Negative voneinander sind, das Etwas, welches nur in seiner Grenze ist, ebenso sehr sich von sich selbst trennt und über sich hinaus auf sein Nichtsein weist und dies als sein Sein ausspricht und so in *dasselbe* übergeht.

Um dies auf das vorige Beispiel anzuwenden, so ist die eine Bestimmung, dass Etwas das, was es ist, nur in seiner Grenze ist. – So ist also der *Punkt* nicht nur so Grenze der *Linie*, dass diese in ihm nur aufhört und sie als Dasein außer ihm ist, – die *Linie* nicht nur so Grenze der *Fläche*, dass diese in der Linie nur aufhört, ebenso die *Fläche* als Grenze des *Körpers*. Sondern im Punkte *fängt* die Linie auch *an*; er

com seu limite a *linha* aparece como linha apenas fora do seu limite, do ponto; a *superfície* como superfície fora da linha; o *corpo* como corpo somente fora da sua superfície limitante. – Esse é aquele lado do qual o limite se situa inicialmente na representação – o ser fora de si do conceito –, como principalmente também é tomado nos objetos espaciais.

§ 17 γ) Mas, além disso, o algo, como ele é fora do limite, é o algo ilimitado, apenas o ser aí em geral. Assim ele não é distinto do seu outro; é apenas ser aí, tem, portanto, com seu outro a mesma determinação, cada um é apenas algo em geral, ou cada um é outro; ambos são assim *o mesmo*. Mas esse seu ser aí inicialmente imediato agora está posto com a determinidade como limite, no qual ambos são o que eles são, distintos um do outro. Mas ele [o limite] é do mesmo modo sua distinção *conjunta*, a unidade e distinção do mesmo, como o ser aí. Essa dupla identidade de ambos, o ser aí e o limite, contém isso, a saber, que o algo tem seu ser aí apenas no limite e que, na medida em que o limite e o ser aí imediato são ambos, ao mesmo tempo, o negativo um do outro, o algo, que apenas é no seu limite, igualmente se separa de si mesmo e aponta, para além de si, para seu não ser e enuncia isto como seu ser e, assim, passa no mesmo.

Para aplicar isto ao exemplo anterior, assim há uma determinação de que algo é aquilo o que é apenas no seu limite. – Assim, portanto, o *ponto* não é apenas o limite da *linha* de tal modo que esta apenas termina nele e ela como ser aí é fora dele, – a *linha* não é apenas o limite da *superfície* de tal modo que esta termina apenas na linha, igualmente a *superfície* como limite do *corpo*. Antes, no ponto a linha também *começa*;

ist ihr absoluter Anfang; auch insofern sie als nach ihren beiden Seiten unbegrenzt oder, wie man es ausdrückt, als ins Unendliche verlängert vorgestellt wird, macht der Punkt ihr *Element* aus, wie die Linie das Element der Fläche, die Fläche das des Körpers. Diese *Grenzen* sind *Prinzip* dessen, das sie begrenzen; wie das Eins, z. B. als Hundertstes, Grenze ist, aber auch Element des ganzen Hundert.

§ 18 Die andere Bestimmung ist die Unruhe des Etwas in seiner Grenze, in der es immanent ist, der *Widerspruch* zu sein, der es über sich selbst hinaus-schickt. So ist der Punkt diese Dialektik seiner selbst, zur Linie zu werden, die Linie die Dialektik, zur Fläche, die Fläche die, zum totalen Raume zu werden. Von Linie, Fläche und ganzem Raum wird eine zweite Definition so gegeben, dass durch die *Bewegung* des Punktes die Linie, durch die Bewegung der Linie die Fläche entsteht usf. Diese *Bewegung* des Punktes, der Linie usf. wird aber als etwas Zufälliges oder nur so Vorgestelltes angesehen. Dies ist jedoch eigentlich darin zurückgenommen, dass die Bestimmungen, aus denen Linie usf. entstehen sollen, ihre *Elemente* und *Prinzipien* seien, und diese sind nichts anderes als zugleich ihre Grenzen; das Entstehen wird so nicht für zufällig oder nur so vorgestellt betrachtet.

Dass Punkt, Linie, Fläche, für sich, sich widersprechend, Anfänge sind, welche selbst sich von sich abstoßen, und der Punkt somit aus sich durch seinen Begriff in die Linie übergeht, *sich an sich bewegt* und sie entstehen macht usf., - liegt in dem Begriffe der dem Etwas immanenten Grenze. Die Anwendung jedoch selbst gehört in die Betrachtung des Raums; um sie hier anzudeuten, so ist der Punkt die ganz abstrakte Grenze, aber *in einem Dasein*; dieses ist noch ganz unbestimmt genommen, es ist der sogenannte absolute, d.

ele é seu início absoluto; também na medida em que ela seja representada como ilimitada para ambos os seus lados ou, como se exprime, como prolongada para o infinito, o ponto constitui seu *elemento*, como a linha o elemento da superfície, a superfície o do corpo. Estes *limites* são o *princípio* daquilo que limitam; assim como o um, por exemplo, como centésimo é limite, mas também elemento da centena inteira.

§ 18 A outra determinação é a inquietude do algo no seu limite, no qual ele é imanente, de ser a *contradição*, a qual o envia para além de si mesmo. Assim o ponto é essa dialética de si mesmo de tornar-se linha, a linha, a dialética de tornar-se superfície, a superfície, de tornar-se o espaço total. Da linha, da superfície e do espaço inteiro é dada uma segunda definição de tal modo que pelo *movimento* do ponto se origina a linha, pelo movimento da linha, a superfície, etc. Esse movimento do ponto, da linha etc., porém, é considerado como algo casual ou apenas assim representado. Contudo, isto está a rigor retirado pelo fato de que as determinações das quais a linha, etc. devem originar-se sejam seus *elementos* e *princípios*, e estes não são outra coisa do que, ao mesmo tempo, seus limites; o surgir não é, assim, considerado casual ou apenas assim representado.

Que o ponto, a linha, a superfície, para si, se contradizendo, sejam inícios que, eles mesmos, se repelem de si, e o ponto, com isso, passa a partir de si para a linha pelo seu conceito, *se move em si* e os faz originar-se, etc., - reside no conceito do limite imanente ao algo. Contudo, a própria aplicação se situa na consideração do espaço; para aludir a ela aqui, assim o ponto é o limite inteiramente abstrato, mas *num ser aí*; este está ainda sendo tomado de modo inteiramente indeterminado, ele é o chamado *espaço* absoluto, isto é, abstrato, o contínuo ser

h. abstrakte *Raum*, das schlechthin kontinuierliche Außereinandersein. Damit, dass die Grenze nicht abstrakte Negation, sondern *in diesem Dasein*, dass sie *räumliche* Bestimmtheit ist, ist der Punkt räumlich, der Widerspruch der abstrakten Negation und der Kontinuität und damit das Übergehen und Übergegensein in Linie usf., wie es denn keinen Punkt *gibt*, wie auch nicht eine Linie und Fläche.

fora de um outro por excelência. Pelo fato de que o limite não é negação abstrata, mas *neste ser aí*, que ele é determinidade *espacial*, o ponto é espacial, a contradição da negação abstrata e da continuidade e, com isso, o passar e ter passado na linha, etc., assim como, pois, não *há* um ponto, como também não [há] uma linha e superfície.

§ 19 Etwas mit seiner immanenten Grenze gesetzt als der Widerspruch seiner selbst, durch den es über sich hinausgewiesen und getrieben wird, ist das *Endliche*.

§ 19 Algo posto com seu limite imanente como a contradição de si mesmo, pela qual ele é apontado e expulso para fora além de si, é o *finito*.

c. Die Endlichkeit

c. A finitude

§ 1 Das Dasein ist bestimmt; Etwas hat eine Qualität und ist in ihr nicht nur bestimmt, sondern begrenzt; seine Qualität ist seine Grenze, mit welcher behaftet es zunächst affirmatives, ruhiges Dasein bleibt. Aber diese Negation entwickelt, so dass der Gegensatz seines Daseins und der Negation als ihm immanenter Grenze selbst das Insichsein des Etwas und dieses somit nur Werden an ihm selbst sei, macht seine Endlichkeit aus.

§ 1 O ser aí é determinado; algo tem uma qualidade e nela não é apenas determinado, mas limitado; sua qualidade é seu limite, e, marcado com esse limite, ele permanece, inicialmente, um ser aí afirmado, calmo. Mas essa negação desenvolvida, de modo que a própria oposição do seu ser aí e da negação como limite que lhe [é] imanente é o ser dentro de si do algo e este, portanto, apenas um devir nele mesmo, constitui a sua finitude.

§ 2 Wenn wir von den Dingen sagen, *sie sind endlich*, so wird darunter verstanden, dass sie nicht nur eine Bestimmtheit haben, die Qualität nicht nur als Realität und ansichseiende Bestimmung, dass sie nicht bloß begrenzt sind –, sie haben so noch Dasein außer ihrer Grenze –, sondern dass vielmehr das Nichtsein ihre Natur, ihr Sein ausmacht. Die endlichen Dinge *sind*, aber ihre Beziehung auf sich selbst ist, dass sie als *negativ* sich auf sich selbst beziehen, eben in dieser Beziehung auf sich selbst sich über sich, über ihr Sein, hinauszuschicken. Sie *sind*, aber die Wahrheit dieses Seins ist ihr *Ende*. Das Endliche verändert sich nicht nur, wie Etwas überhaupt,

§ 2 Se nós dizemos a respeito das coisas que, *elas são finitas*, isso é entendido no sentido de que elas não têm apenas uma determinidade, a qualidade não apenas como realidade e determinação sendo em si, que elas não são meramente limitadas –, elas têm assim ainda um ser aí fora do seu limite –, mas que, pelo contrário, o não ser constitui sua natureza, seu ser. As coisas finitas *são*, mas sua relação a si mesmas é que elas se relacionam *negativamente* a si mesmas, precisamente nessa relação a si mesmas elas se enviam além de si, além do seu ser. Elas *são*, mas a verdade desse ser é o *fim* delas. O finito não se transforma apenas como algo em geral se transforma, mas ele *perece*, e

sondern es *vergeht*, und es ist nicht bloß möglich, dass es vergeht, so dass es sein könnte, ohne zu vergehen. Sondern das Sein der endlichen Dinge als solches ist, den Keim des Vergehens als ihr Insichsein zu haben; die Stunde ihrer Geburt ist die Stunde ihres Todes.

não é apenas possível que ele pereça, de modo que ele também poderia ser sem perecer. Mas o ser das coisas finitas como tal é ter o germe do perecer como seu ser dentro de si; a hora do seu nascimento é a hora da sua morte.

α. Die Unmittelbarkeit der Endlichkeit

§ 1 Der Gedanke an die Endlichkeit der Dinge führt diese Trauer mit sich, weil sie die auf die Spitze getriebene qualitative Negation ist, in der Einfachheit solcher Bestimmung ihnen nicht mehr ein affirmatives Sein *unterschieden* von ihrer Bestimmung zum Untergange gelassen ist. Die Endlichkeit ist um dieser qualitativen Einfachheit der Negation, die zum abstrakten Gegensatze des Nichts und Vergehens gegen das Sein zurückgegangen ist, die hartnäckigste Kategorie des Verstandes; die Negation überhaupt, Beschaffenheit, Grenze vertragen sich mit ihrem Anderen, dem Dasein; auch das abstrakte Nichts wird für sich als Abstraktion aufgegeben; aber Endlichkeit ist die als *an sich fixierte* Negation und steht daher seinem Affirmativen schroff gegenüber.

α. A imediatidade da finitude

§ 1 O pensamento na finitude das coisas carrega essa tristeza consigo, porque ela é a negação qualitativa levada ao extremo, [porque] na simplicidade de tal determinação não lhes está mais deixado um ser afirmativo *distinto* da sua destinação ao declínio. Em virtude dessa simplicidade qualitativa da negação que regressou à oposição abstrata do nada e do perecer contra o ser, a finitude é a mais pertinaz categoria do entendimento; a negação em geral, constituição [e] limite são compatíveis com seu outro, o ser aí; também o nada abstrato é abandonado para si como abstração; mas a finitude é a negação *fixada em si* e se defronta, portanto, diametralmente com o seu afirmativo.

Das Endliche lässt sich so in Fluss wohl bringen, es ist selbst dies, zu seinem Ende bestimmt zu sein, aber nur zu seinem Ende; – es ist vielmehr das Verweigern, sich zu seinem Affirmativen, dem Unendlichen hin affirmativ bringen, mit ihm sich verbinden zu lassen; es ist also untrennbar von seinem Nichts gesetzt und alle Versöhnung mit seinem Anderen, dem Affirmativen, dadurch abgeschnitten. Die Bestimmung der endlichen Dinge ist nicht eine weitere als ihr *Ende*. Der Verstand verharret in dieser Trauer der Endlichkeit, indem er das Nichtsein zur Bestimmung der Dinge, es zugleich *unvergänglich* und *absolut* macht. Ihre Vergänglichkeit könnte nur in ihrem Anderen, dem Affirmativen, vergehen; so trennte sich

O finito pode, assim, ser provavelmente levado a fluir, ele é mesmo isto, a saber, estar destinado a seu fim, mas apenas a seu fim; – é, pelo contrário, o recusar-se a ser levado afirmativamente ao seu afirmativo, ao infinito, deixar-se ser ligado com ele; ele está posto, portanto, inseparavelmente do seu nada e, com isto, toda a reconciliação com seu outro, o afirmativo, está cortada. A determinação das coisas finitas não é uma outra do que seu *fim*. O entendimento persiste nessa tristeza da finitude, na medida em que torna o não ser a determinação das coisas, fazendo-o, ao mesmo tempo, *imperecível* e *absoluto*. Sua percibibilidade apenas poderia perecer em seu outro, no afirmativo; assim sua finitude se

ihre Endlichkeit von ihnen ab; aber sie ist ihre unveränderliche, d. i. nicht in ihr Anderes, d. i. nicht in ihr Affirmatives übergehende Qualität; *so ist sie ewig.*

§ 2 Dies ist eine sehr wichtige Betrachtung; dass aber das Endliche absolut sei, solchen Standpunkt wird sich freilich irgendeine Philosophie oder Ansicht oder der Verstand nicht aufbürden lassen wollen; vielmehr ist das Gegenteil ausdrücklich in der Behauptung des Endlichen vorhanden; das Endliche ist das Beschränkte, Vergängliche; das Endliche ist *nur* das Endliche, nicht das Unvergängliche; dies liegt unmittelbar in seiner Bestimmung und Ausdruck. Aber es kommt darauf an, ob in der Ansicht *beim Sein der Endlichkeit* beharrt wird, die *Vergänglichkeit* bestehen bleibt, oder ob die *Vergänglichkeit* und das *Vergehen vergeht*.

Dass dies aber nicht geschieht, ist das Faktum eben in derjenigen Ansicht des Endlichen, welche das *Vergehen* zum *Letzten* des Endlichen macht. Es ist die ausdrückliche Behauptung, dass das Endliche mit dem Unendlichen unverträglich und unvereinbar sei, das Endliche dem Unendlichen schlechthin entgegengesetzt sei. Dem Unendlichen ist Sein, absolutes Sein zugeschrieben; ihm gegenüber bleibt so das Endliche festgehalten als das Negative desselben; unvereinbar mit dem Unendlichen bleibt es absolut auf seiner eigenen Seite; Affirmation erhalte es vom Affirmativen, dem Unendlichen, und vergehe so; aber eine Vereinigung mit demselben ist das, was für das Unmögliche erklärt wird. Soll es nicht beharren dem Unendlichen gegenüber, sondern vergehen, so ist, wie vorhin gesagt, eben sein Vergehen das Letzte, nicht das Affirmative, welches nur das Vergehen des Vergehens sein würde. Sollte aber das Endliche nicht im Affirmativen vergehen, sondern sein Ende als das *Nichts* gefasst werden, so wären wir wieder bei jenem ersten,

separaria delas; mas ela é sua qualidade invariável, isto é, que não passa no seu outro, isto é, não passa no seu afirmativo; *assim ela é eterna.*

§ 2 Essa é uma consideração muito importante; mas que o finito seja absoluto, tal ponto de vista qualquer filosofia ou concepção ou o entendimento não querará deixar-se impingir; pelo contrário, o oposto existe explicitamente na afirmação do finito; o finito é o limitado, perecível; o finito é *apenas* o finito, não o imperecível; isso reside imediatamente na sua determinação e expressão. Mas o que importa é se na concepção se persiste *no ser da finitude*, se a *percebibilidade* continua, ou se a *percebibilidade* e o *perecer* *perecem*.

Que isso não acontece, contudo, é o fato justamente naquela concepção do finito que torna o *perecer* o *último* do finito. É a afirmação explícita de que o finito é insociável e incompatível com o infinito, que o finito se contrapõe pura e simplesmente ao infinito. Ao infinito está atribuído o ser, o ser absoluto; frente a ele, o finito permanece assim fixado como o negativo do mesmo; incompatível com o infinito, ele [o finito] permanece absolutamente no seu próprio lado; receberia afirmação do afirmativo, do infinito, e pereceria assim; mas uma unificação com o infinito é o que se declara impossível. Mas para que ele não persista frente ao infinito, mas pereça, o seu perecer é, como se disse há pouco, precisamente o último, não o afirmativo, que seria apenas o perecer do perecer. Mas se o finito não devesse perecer no afirmativo, porém, seu fim ser conceitualizado como o *nada*, então estaríamos novamente naquele primeiro nada abstrato que, ele mesmo, há muito tempo pereceu.

abstrakten Nichts, das selbst längst vergangen ist.

§ 3 Bei diesem Nichts jedoch, welches *nur* Nichts sein soll und dem zugleich eine Existenz im Denken, Vorstellen oder Sprechen zugegeben wird, kommt derselbe Widerspruch vor, als soeben bei dem Endlichen angegeben worden, nur dass er dort nur *vorkommt*, aber in der Endlichkeit *ausdrücklich* ist. Dort erscheint er als subjektiv, hier wird behauptet, das Endliche *stehe perennierend* dem Unendlichen entgegen, das an sich Nichtige *sei*, und es sei *als* an sich Nichtiges. Dies ist zum Bewusstsein zu bringen; und die Entwicklung des Endlichen zeigt, dass es an ihm als dieser Widerspruch in sich zusammenfällt, aber ihn dahin wirklich auflöst, nicht dass es nur vergänglich ist und vergeht, sondern dass das Vergehen, das Nichts, nicht das Letzte ist, sondern vergeht.

β. Die Schranke und das Sollen

§ 1 Dieser Widerspruch ist zwar abstrakt sogleich darin vorhanden, dass das *Etwas* endlich ist oder dass das Endliche *ist*. Aber *Etwas* oder das Sein ist nicht mehr abstrakt gesetzt, sondern in sich reflektiert und entwickelt als Insichsein, das eine Bestimmung und Beschaffenheit an ihm hat, und noch bestimmter, dass es eine Grenze an ihm hat, welche, als das dem Etwas Immanente und die Qualität seines Insichseins ausmachend, die Endlichkeit ist. In diesem Begriffe des endlichen Etwas ist zu sehen, was für Momente enthalten sind.

§ 2 Bestimmung und Beschaffenheit ergaben sich als *Seiten* für die äußerliche Reflexion; jene enthielt aber schon das Anderssein als dem *Ansich* des Etwas angehörig; die Äußerlichkeit des Andersseins ist einerseits in der eigenen Innerlichkeit des Etwas, andererseits bleibt sie als Äußerlichkeit unterschieden davon, sie ist

§ 3 Nesse nada, contudo, que deve ser *apenas* nada e ao qual ao mesmo tempo se admite uma existência no pensar, representar ou falar, está dada a mesma contradição que agora mesmo foi indicado no finito, só que lá ela apenas está dada, mas é *explícita* na finitude. Lá ela aparece como subjetiva, aqui se afirma que o finito *se opõe pertinazmente* ao infinito, é o nulo em si, e é *como* nulo em si. Isso deve ser trazido à consciência; e o desenvolvimento do finito mostra que ele colapsa em si nele [no finito] como essa contradição, mas realmente a dissolve, de forma que ele não é apenas percível e perece, mas que o perecer, o nada, não é o último, mas perece.

β. A barreira e o dever ser

§ 1 Essa contradição existe desde já, com efeito, abstratamente pelo fato de o *algo* ser finito ou o finito *ser*. Mas *algo* ou o ser não está mais posto abstratamente, e sim refletido em si e desenvolvido como ser dentro de si, que tem uma determinação e uma constituição nele, e de modo ainda mais determinado, que tem um limite nele, o qual, como imanente ao algo e constituindo a qualidade do seu ser dentro de si, é a finitude. Nesse conceito do algo finito deve-se ver quais momentos estão contidos [nele].

§ 3 A determinação e a constituição se mostraram como *lados* para a reflexão exterior; aquela já continha, contudo, o ser outro como pertencente ao *em si* do algo; a exterioridade do ser outro é, por um lado, na própria interioridade do algo, por outro, como exterioridade ela permanece distinta dele, é

noch Äußerlichkeit als solche, aber *an* dem Etwas. Indem aber ferner das Anderssein als *Grenze*, selbst als Negation der Negation, bestimmt ist, so ist das dem Etwas immanente Anderssein als die Beziehung der beiden Seiten gesetzt, und die Einheit des Etwas mit sich, dem sowohl die Bestimmung als die Beschaffenheit angehört, [ist] seine gegen sich selbst gekehrte Beziehung, die seine immanente Grenze in ihm negierende Beziehung seiner an sich seienden Bestimmung darauf.

Das mit sich identische Insichsein bezieht sich so auf sich selbst als sein eigenes Nichtsein, aber als Negation der Negation, als dasselbe negierend, das zugleich Dasein in ihm behält, denn es ist die Qualität seines Insichseins. Die eigene Grenze des Etwas, so von ihm als ein Negatives, das zugleich wesentlich ist, gesetzt, ist nicht nur Grenze als solche, sondern *Schranke*. Aber die Schranke ist nicht allein das als negiert Gesetzte; die Negation ist zweiseitig, indem das von ihr als negiert Gesetzte die *Grenze* ist; diese nämlich ist überhaupt das Gemeinschaftliche des Etwas und des Anderen, auch Bestimmtheit des *Ansichseins* der Bestimmung als solcher. Dieses Ansichsein hiermit ist als die negative Beziehung auf seine von ihm auch unterschiedene Grenze, auf sich als Schranke, *Sollen*.

§ 3 Dass die Grenze, die am Etwas überhaupt ist, Schranke sei, muss es zugleich in sich selbst *über sie hinausgehen*, sich an ihm selbst *auf sie als auf ein Nichtseiendes* beziehen. Das Dasein des Etwas liegt ruhig gleichgültig gleichsam *neben* seiner Grenze. Etwas geht aber über seine Grenze nur hinaus, insofern es deren Aufgehobensein, das gegen sie negative Ansichsein ist. Und indem sie in der *Bestimmung* selbst als Schranke ist, geht Etwas damit *über sich selbst* hinaus.

ainda exterioridade como tal, mas *no* algo. Mas na medida em que, além disso, o ser outro está determinado como *limite*, mesmo como negação da negação, assim o ser outro imanente ao algo está posto como a relação de ambos os lados, e a unidade do algo consigo, a que pertencem tanto a determinação quanto a constituição, é sua relação voltada contra si mesma, a relação que nega o seu limite imanente nele da sua determinação sendo em si para [o limite].

O ser dentro de si idêntico a si se relaciona deste modo a si mesmo como seu próprio não ser, mas como negação da negação, como negando o mesmo [o não ser], o qual ao mesmo tempo mantém [um] ser aí nele, pois ele é a qualidade do seu ser dentro de si. O próprio limite do algo, assim posto por ele como um negativo que, ao mesmo tempo, é essencial, não é somente limite como tal, mas uma *barreira*. Mas a barreira não é apenas aquilo que é posto como negado; a negação é de dois gumes, na medida em que o posto por ela como negado é o *limite*; pois este é em geral o comum do algo e do outro, também a determinidade do *ser em si* da determinação como tal. Este ser em si, com isso, é, como a relação negativa com seu limite também distinto dele, [relação negativa] a si como barreira, o *dever ser*.

§ 3 Que o limite que está em algo em geral seja barreira, ele tem que, ao mesmo tempo, *ir além dele [do limite]* em si mesmo, relacionar-se nele mesmo *com ele como com um não sendo*. O ser aí do algo se encontra calmamente indiferente como que *ao lado* do seu limite. Algo, contudo, apenas vai além do seu limite na medida em que ele seja seu ser suprassumido, que é [o] ser em si negativo contra ele. E na medida em que ele é como barreira na própria *determinação*, algo vai, com isso, *além de si mesmo*.

§ 4 Das Sollen enthält also die verdoppelte Bestimmung, *einmal* sie als an sich seiende Bestimmung gegen die Negation, das *andere Mal* aber dieselbe als ein Nichtsein, das als Schranke von ihr unterschieden, aber zugleich selbst ansichseiende Bestimmung ist.

§ 4 O dever ser contém, portanto, a dupla determinação, *por um lado*, a ela como determinação sendo em si contra a negação, *por outro*, contudo, a mesma como um não ser que, como barreira, é distinta dela, mas que é, ao mesmo tempo, ela própria, determinação sendo em si.

§ 5 Das Endliche hat sich so als die Beziehung seiner Bestimmung auf seine Grenze bestimmt; jene ist in dieser Beziehung *Sollen*, diese ist *Schranke*. Beide sind so Momente des Endlichen, somit beide selbst endlich, sowohl das Sollen als die Schranke. Aber nur die Schranke ist als das Endliche *gesetzt*; das Sollen ist nur an sich, somit für uns, beschränkt. Durch seine Beziehung auf die ihm selbst schon immanente Grenze ist es beschränkt, aber diese seine Beschränkung ist in das Ansichsein eingehüllt, denn nach seinem Dasein, d. i. nach seiner Bestimmtheit gegen die Schranke ist es als das Ansichsein gesetzt.

§ 5 O finito se determinou, assim, como a relação da sua determinação com seu limite; nessa relação aquela é o *dever ser*, essa é a *barreira*. Ambos são, assim, momentos do finito, sendo, por conseguinte, ambos mesmos finitos, tanto o dever ser quanto a barreira. Mas apenas a barreira está *posta* como o finito; o dever ser é limitado apenas em si, portanto para nós. Pela sua relação com o limite nele mesmo já imanente ele é limitado, mas essa sua limitação está envolvida no ser em si, pois conforme seu ser aí, isto é, conforme sua determinidade contra a barreira ele está posto como o ser em si.

§ 6 Was sein soll, *ist* und *ist* zugleich *nicht*. Wenn es *wäre*, so *sollte* es nicht bloß *sein*. Also das Sollen hat wesentlich eine Schranke. Diese Schranke ist nicht ein Fremdes; *das, was nur sein soll*, ist die *Bestimmung*, die nun gesetzt ist, wie sie in der Tat ist, nämlich zugleich nur eine Bestimmtheit.

§ 6 O que deve ser *é e*, ao mesmo tempo, *não é*. Se ele *fosse*, assim *não deveria* meramente *ser*. Portanto, o dever ser tem essencialmente uma barreira. Essa barreira não é um alheio; *aquilo que apenas deve ser* é a *determinação* que agora está posta, como ela, de fato, é, a saber, ao mesmo tempo apenas uma determinidade.

§ 7 Das Ansichsein des Etwas in seiner Bestimmung setzt sich also zum *Sollen* herab dadurch, dass dasselbe, was sein Ansichsein ausmacht, in einer und derselben Rücksicht als *Nichtsein* ist; und zwar so, dass im Insichsein, der Negation der Negation, jenes Ansichsein als die eine Negation (das Negierende) Einheit mit der anderen ist, die zugleich als qualitativ andere Grenze ist, wodurch jene Einheit als *Beziehung* auf sie ist. Die Schranke des Endlichen ist nicht ein Äußeres, sondern seine eigene Bestimmung ist auch seine Schranke; und diese ist sowohl sie selbst als auch Sollen; sie ist das Gemeinschaftliche beider oder

§ 7 Na sua determinação o ser em si do algo se rebaixa, portanto, ao *dever ser* pelo fato de que o mesmo que constitui seu ser em si é, na única e mesma consideração, como *não ser*; e precisamente de tal modo que no ser dentro de si, da negação da negação, aquele ser em si é como uma das negações (que nega) unidade com a outra negação que, ao mesmo tempo, é limite como qualitativamente outra, pela qual aquela unidade é como *relação* com ela. A barreira do finito não é um exterior, mas sua própria determinação é também sua barreira; e essa é tanto ela mesma como também o dever ser; ela é o comum de ambos ou, antes, aquilo

| | |
|---|--|
| vielmehr das, worin beide identisch sind. | em que ambos são idênticos. |
| § 8 Als Sollen geht nun aber ferner das Endliche über seine Schranke <i>binaus</i> ; dieselbe Bestimmtheit, welche seine Negation ist, ist auch aufgehoben und ist so sein Ansichsein; seine Grenze ist auch nicht seine Grenze. | § 8 Contudo, como dever ser, o finito também vai agora <i>além</i> da sua barreira; a mesma determinidade que é sua negação está também suprassumida e é, assim, seu ser em si; seu limite também não é seu limite. |
| § 9 Als <i>Sollen</i> ist somit Etwas <i>über seine Schranke erhoben</i> , umgekehrt aber hat es nur <i>als Sollen</i> seine <i>Schranke</i> . Beides ist untrennbar. Etwas hat insofern eine Schranke, als es in seiner Bestimmung die Negation hat, und die Bestimmung ist auch das Aufgehobensein der Schranke. | § 9 Como <i>dever ser</i> , algo está, com isso, <i>elevado sobre sua barreira</i> , mas, inversamente, apenas <i>como dever ser</i> ele tem sua <i>barreira</i> . Ambos são inseparáveis. Algo tem uma barreira na medida em que na sua determinação tenha a negação, e a determinação é também o ser suprassumido da barreira. |
| Anmerkung. Das Sollen | Observação. O dever ser |
| § 1 Das Sollen hat neuerlich eine große Rolle in der Philosophie, vornehmlich in Beziehung auf Moralität, und metaphysisch überhaupt auch als der letzte und absolute Begriff von der Identität des Ansichseins oder der Beziehung auf <i>sich selbst</i> und <i>der Bestimmtheit</i> oder der Grenze gespielt. | § 1 O dever ser desempenhou recentemente um grande papel na filosofia, principalmente em relação com a moralidade, e metafisicamente em geral também como o último e absoluto conceito da identidade do ser em si ou da relação <i>a si mesma</i> e <i>da determinidade</i> ou do limite. |
| § 2 <i>Du kannst, weil du sollst</i> – dieser Ausdruck, der viel sagen sollte, liegt im Begriffe des Sollens. Denn das Sollen ist das Hinaussein über die Schranke; die Grenze ist in demselben aufgehoben, das Ansichsein des Sollens ist so identische Beziehung auf sich, somit die Abstraktion des <i>Könnens</i> . – Aber umgekehrt ist es ebenso richtig: <i>Du kannst nicht, eben weil du sollst</i> . Denn im Sollen liegt ebenso sehr die Schranke als Schranke; jener Formalismus der Möglichkeit hat an ihr eine Realität, ein qualitatives Anderssein sich gegenüber, und die Beziehung beider aufeinander ist der Widerspruch, somit das Nicht-Können oder vielmehr die Unmöglichkeit. | § 2 <i>Tu podes, porque tu debes</i> – essa expressão que deveria dizer muito reside no conceito do dever ser. Pois o dever ser é o ser-além da barreira; o limite está suprassumido no mesmo, o ser em si do dever ser é, assim, relação idêntica a si, portanto a abstração do <i>poder</i> . – Mas, inversamente, igualmente é correto: <i>tu não podes, justamente porque tu debes</i> . Pois no dever ser reside igualmente a barreira enquanto barreira; aquele formalismo da possibilidade tem nela uma realidade, um ser outro qualitativo defronte de si, e a relação de ambos um para com o outro é a contradição e, com isso, o não poder ou, antes, a impossibilidade. |
| § 3 Im Sollen beginnt das Hinausgehen über die Endlichkeit, die Unendlichkeit. Das Sollen ist dasjenige, was sich in weiterer Entwicklung | § 3 No dever ser se inicia o ir além da finitude, a infinitude. O dever ser é aquilo que, no desenvolvimento ulterior, se apresenta |

| | |
|--|---|
| nach jener Unmöglichkeit als der Progress ins Unendliche darstellt. | conforme aquela impossibilidade como o progresso no infinito. |
| § 4 In Ansehung der Form der <i>Schranke</i> und des <i>Sollens</i> können zwei Vorurteile näher gerügt werden. Es pflegt zuerst <i>viel</i> auf die Schranken des Denkens, der Vernunft usf. gehalten zu werden, und es wird behauptet, es <i>könne</i> über die Schranke <i>nicht</i> hinausgegangen werden. In dieser Behauptung liegt die Bewusstlosigkeit, dass darin selbst, dass etwas als Schranke bestimmt ist, darüber bereits hinausgegangen ist. Denn eine Bestimmtheit, Grenze ist als Schranke nur bestimmt im Gegensatz gegen sein Anderes überhaupt als gegen sein <i>Unbeschränktes</i> ; das Andere einer Schranke ist eben das <i>Hinaus</i> über dieselbe. | § 4 Em relação à forma da <i>barreira</i> e do <i>dever ser</i> , dois preconceitos podem ser censurados especificamente. Inicialmente, costuma-se atribuir <i>grande</i> peso às barreiras do pensar, da razão etc., e afirma-se que <i>não se poderia</i> ir além da barreira. Nessa afirmação reside a inconsciência de que pelo próprio fato de algo ser determinado como barreira já se foi além desse algo. Pois uma determinidade, um limite apenas está determinado como barreira na oposição contra seu outro em geral como contra seu <i>ilimitado</i> ; o outro de uma barreira é precisamente o <i>ser além</i> da mesma. |
| Der Stein, das Metall ist nicht über seine Schranke hinaus, darum weil sie <i>für ihn</i> nicht Schranke ist. Wenn jedoch bei solchen allgemeinen Sätzen des verständigen Denkens, dass über die Schranke nicht hinausgegangen werden könne, das Denken sich nicht anwenden will, um zu sehen, was im Begriffe liegt, so kann an die Wirklichkeit verwiesen werden, wo denn solche Sätze sich als das Unwirklichste zeigen. Dadurch eben, dass das Denken etwas Höheres als die Wirklichkeit sein, von ihr sich entfernt in höheren Regionen halten <i>soll</i> , dasselbe also selbst als ein <i>Sollen</i> bestimmt ist, geht es einerseits nicht zum Begriffe fort und geschieht ihm andererseits, dass es sich ebenso unwahr gegen die Wirklichkeit als gegen den Begriff verhält. | A pedra, o metal não está além da sua barreira, porque ela não é barreira <i>para eles</i> . Se, contudo, em tais sentenças gerais do pensar entendedor que afirma não se poderá ir além da barreira, o pensar não quiser se aplicar para ver o que se encontra no conceito, assim pode-se remeter à efetividade, onde, pois, tais sentenças se mostram como o mais não efetivo. Precisamente pelo fato de que o pensar <i>deve</i> ser mais alto do que a efetividade, manter-se afastado dela em regiões mais altas, o mesmo está determinado, portanto, como um <i>dever ser</i> , por um lado, ele não avança até o conceito e, por outro, lhe ocorre que ele se comporta de modo igualmente falso contra a efetividade quanto contra o conceito. |
| – Weil der Stein nicht denkt, nicht einmal empfindet, ist seine Beschränktheit <i>für ihn</i> keine Schranke, d. h. in ihm nicht eine Negation für die Empfindung, Vorstellung, Denken usf., die er nicht hat. Aber auch selbst der Stein ist als Etwas in seine Bestimmung oder sein Ansichsein und sein Dasein unterschieden, und insofern geht auch er über seine Schranke hinaus; der Begriff, der er an | – Porque a pedra não pensa, nem sequer sente, sua restrição não é <i>para ela</i> barreira alguma, isto é, nela não é uma negação para a sensação, representação, pensar etc. que ela não tem. Mas até a própria a pedra está, como algo, distinta na sua determinação ou seu ser em si e seu ser aí, e na medida em que ela também vá além da sua barreira; o conceito que ela é em si contém a identidade com seu outro. Se ela é |

sich ist, enthält die Identität mit seinem Anderen. Ist er eine säuerungsfähige Basis, so ist er oxydierbar, neutralisierbar usf. In der Oxydation, Neutralisation usf. hebt sich seine Schranke, nur als Basis da zu sein, auf; er geht darüber hinaus, so wie die Säure ihre Schranke, als Säure zu sein, aufhebt, und es ist in ihr wie in der kaustischen Basis so sehr das *Sollen*, über ihre Schranke hinauszugehen, vorhanden, dass sie nur mit Gewalt als – wasserlose, d. i. rein nicht neutrale – Säure und kaustische Basis festgehalten werden können.

§ 5 Enthält aber eine Existenz den Begriff nicht bloß als abstraktes Ansichsein, sondern als für sich seiende Totalität, als Trieb, als Leben, Empfindung, Vorstellen usf., so vollbringt sie selbst aus ihr dies, über die Schranke hinaus zu sein und hinauszugehen. Die Pflanze geht über die Schranke, als Keim zu sein, ebenso über die, als Blüte, als Frucht, als Blatt zu sein, hinaus; der Keim wird entfaltete Pflanze, die Blüte verblüht usf. Das Empfindende in der Schranke des Hungers, Durstes usf. ist der Trieb, über diese Schranke hinauszugehen, und vollführt dies Hinausgehen.

Es empfindet *Schmerz*, und das Vorrecht empfindender Natur ist, Schmerz zu empfinden; es ist eine Negation in seinem Selbst, und sie ist *als eine Schranke* in seinem Gefühle bestimmt, eben weil das Empfindende das Gefühl seiner *Selbst* hat, welches die Totalität ist, die über jene Bestimmtheit hinaus ist. Wäre es nicht darüber hinaus, so empfände es dieselbe nicht als seine Negation und hätte keinen Schmerz. – Die Vernunft aber, das Denken, sollte nicht über die Schranke hinausgehen können, – sie, die das *Allgemeine* [ist], das für sich über *die*, d. i. über *alle* Besonderheit hinaus ist, nur das Hinausgehen über die Schranke ist. – Freilich ist nicht jedes Hinausgehen und Hinaussein über die

uma base capaz de acidificar-se, ela é oxidável, neutralizável etc. Na oxidação, neutralização etc. sua barreira de estar aí apenas como base se suprassume; ela vai além disso, assim como o ácido suprassume sua barreira de ser como ácido, e nele, assim como na base cáustica, existe tanto o *dever ser*, ir além da sua barreira, que eles somente podem ser mantidos à força como ácido e base cáustica – sem água, isto é, puramente não neutras –.

§ 5 Mas se uma existência contém o conceito não apenas como ser em si abstrato, e sim como totalidade sendo para si, como impulso, como vida, sensação, representar etc., ela mesma realiza, a partir dela, esse ser e ir além da sua barreira. A planta vai além da barreira de como ser germe, igualmente além de como ser flor, como fruto, como folha, etc.; o germe se torna planta desdobrada, a flor murcha, etc. O que sente na barreira da fome, da sede etc. é o impulso de ir além dessa barreira, e efetua esse ir além.

Ele sente *dor*, e o privilégio da natureza que sente é sentir dor; é uma negação em seu si mesmo, e ela está determinada *como uma barreira* no seu sentir, precisamente porque aquilo que sente tem o sentir de seu si *mesmo*, o qual é a totalidade que é além daquela determinidade. Se ele não fosse além disso, ele não sentiria a mesma como sua negação e não teria dor. – Mas a razão, o pensar, não deveria poder ir além da barreira, – ela, que é o *universal*, que [é] para si além *da* particularidade, isto é, de *toda* particularidade, é apenas o ir além da barreira. – Entretanto nem todo ir além e ser além da barreira é uma libertação verdadeira da mesma, [uma] afirmação verdadeira; já o próprio dever ser é um tal ir além imperfeito e [é] a abstração

Schranke eine wahrhafte Befreiung von derselben, wahrhafte Affirmation; schon das Sollen selbst ist ein solches unvollkommenes Hinausgehen und die Abstraktion überhaupt. Aber das Hinweisen auf das ganz abstrakte Allgemeine reicht aus gegen die ebenso abstrakte Versicherung, es könne nicht über die Schranke hinausgegangen werden, oder schon das Hinweisen auf das Unendliche überhaupt gegen die Versicherung, dass nicht über das Endliche hinausgegangen werden könne.

§ 6 Es kann hierbei ein sinnreich scheinender Einfall *Leibnizens* erwähnt werden: wenn ein Magnet Bewusstsein hätte, so würde derselbe seine Richtung nach Norden für eine Bestimmung seines Willens, ein Gesetz seiner Freiheit ansehen. Vielmehr, wenn er Bewusstsein, damit Willen und Freiheit hätte, wäre er denkend; somit würde der Raum für ihn als *allgemeiner*, *alle* Richtung enthaltender und damit die *eine* Richtung nach Norden vielmehr als eine Schranke für seine Freiheit sein, sosehr als es für den Menschen eine Schranke, auf einer Stelle festgehalten zu werden, für die Pflanze aber nicht ist.

§ 7 Das *Sollen* andererseits ist das Hinausgehen über die Schranke, aber ein selbst nur *endliches Hinausgehen*. Es hat daher seine Stelle und sein Gelten im Felde der Endlichkeit, wo es das Ansichsein gegen das Beschränkte festhält und es als die Regel und das Wesentliche gegen das Nichtigte behauptet. Die Pflicht ist ein *Sollen* gegen den besonderen Willen, gegen die selbstsüchtige Begierde und das willkürliche Interesse gekehrt; dem Willen, insofern er in seiner Beweglichkeit sich vom Wahrhaften isolieren kann, wird dieses als ein *Sollen* vorgehalten.

Diejenigen, welche das Sollen der Moral so hoch halten und darin, dass das Sollen nicht als Letztes und Wahrhaftes anerkannt wird,

em geral. Mas o apontar para o universal inteiramente abstrato é suficiente contra a afirmação, igualmente abstrata, de que não se poderia ir além da barreira, ou já o apontar para o infinito em geral contra a afirmação de que não se poderia ir além do finito.

§ 6 Pode-se mencionar, neste contexto, uma ideia que parece espirituosa de *Leibniz*: se um ímã o tivesse consciência, o mesmo consideraria o fato de apontar na direção do norte como uma determinação da sua vontade, uma lei da sua liberdade. Pelo contrário, se ele tivesse consciência, portanto vontade e liberdade, ele seria pensante; neste caso, o espaço seria, para ele, como *universal*, que contém *toda* a direção, e, com isso, aquela *única* direção para o norte, pelo contrário, seria como uma barreira para sua liberdade, para o ser humano estar fixado num lugar assim como é uma barreira, mas não é para a planta.

§ 7 O *dever ser*, por outro lado, é o ir além da barreira, mas apenas um *ir além finito*. Ele tem, portanto, seu lugar e sua aplicação no campo da finitude, onde ele assegura o ser em si contra o limitado e o afirma como a regra e o essencial contra o nulo. A obrigação é um *dever ser* voltado contra a vontade particular, contra a avidez egoísta e o interesse arbitrário; a vontade, na medida em que na sua mobilidade ela pode se isolar do verdadeiro, é confrontada com isso como um dever ser.

Aqueles que assim valorizam o dever ser da moral e, nisso, que o dever ser não é reconhecido como último e verdadeiro,

meinen, dass die Moralität zerstört werden solle, sowie die Räsoneurs, deren Verstand sich die unaufhörliche Befriedigung gibt, gegen alles, was da ist, ein Sollen und somit ein Besserwissen vorbringen zu können, die sich das Sollen darum ebenso wenig wollen rauben lassen, sehen nicht, dass für die Endlichkeit ihrer Kreise das Sollen vollkommen anerkannt wird.

– Aber in der Wirklichkeit selbst steht es nicht so traurig um Vernünftigkeit und Gesetz, dass sie nur sein *sollten* – dabei bleibt nur das Abstraktum des Ansichseins [stehen] –, sowenig, als dass das Sollen an ihm selbst perennierend und, was dasselbe ist, die Endlichkeit absolut wäre. Die Kantische und Fichtesche Philosophie gibt als den höchsten Punkt der Auflösung der Widersprüche der Vernunft das *Sollen* an, was aber vielmehr nur der Standpunkt des Beharrens in der Endlichkeit und damit im Widerspruche ist.

γ. Übergang des Endlichen in das Unendliche

§ 1 Das Sollen für sich enthält die Schranke und die Schranke das Sollen. Ihre Beziehung aufeinander ist das Endliche selbst, das sie beide in seinem Insichsein enthält. Diese Momente seiner Bestimmung sind sich qualitativ entgegengesetzt; die Schranke ist bestimmt als das Negative des Sollens und das Sollen ebenso als das Negative der Schranke. Das Endliche ist so der Widerspruch seiner in sich; es hebt sich auf, vergeht. Aber dies sein Resultat, das Negative überhaupt, ist 1. seine *Bestimmung* selbst; denn es ist das Negative des Negativen. So ist das Endliche in dem Vergehen nicht vergangen; es ist zunächst nur ein *anderes* Endliches geworden, welches aber ebenso das Vergehen als Übergehen in ein anderes Endliches ist, und so fort etwa ins

opinam que a moralidade seria destruída, assim como os raciocinadores, cujo entendimento se dá a satisfação ininterrupta de poder mostrar um dever ser contra tudo o que está aí e, com isso, mostrar que sabem mais, os quais tampouco querem ser privados do dever ser por este motivo, não veem que para a finitude de seus círculos o dever ser é inteiramente reconhecido.

– Mas na própria efetividade a situação da racionalidade e da lei não está tão triste a ponto de que elas apenas *deveriam* ser – apenas o abstrato do ser em si fica assim –, tampouco que o dever ser nele mesmo seria perene, e, o que é o mesmo, a finitude seria absoluta. A filosofia kantiana e fichteana indicam como ponto supremo da dissolução das contradições da razão o *dever ser*, o que, contudo, é apenas o ponto de vista do persistir na finitude e, com isso, na contradição.

γ. Transição do finito no infinito

§ 1 O dever ser para si contém a barreira e a barreira o dever ser. Sua relação um para com o outro é o próprio finito que contém a ambos no seu ser dentro de si. Estes momentos da sua determinação se contrapõem qualitativamente; a barreira está determinada como o negativo do dever ser e o dever ser igualmente como o negativo da barreira. O finito é, assim, a contradição de si em si; ele se suprassume, perece. Mas esse seu resultado, o negativo em geral, é 1. sua própria *determinação*; pois ele é o negativo do negativo. Assim, no perecer o finito não pereceu; ele se tornou, inicialmente, apenas um *outro* finito, que, contudo, é igualmente o perecer como passar em um *outro* finito, e assim por diante para no *infinito*.

Unendliche.

Aber 2. näher dies Resultat betrachtet, so hat das Endliche in seinem Vergehen, dieser Negation seiner selbst, sein Ansichsein erreicht, es ist darin *mit sich selbst zusammengegangen*. Jedes seiner Momente enthält eben dies Resultat; das Sollen geht über die Schranke, d. i. über sich selbst hinaus; über es hinaus aber oder sein Anderes ist nur die Schranke selbst. Die Schranke aber weist über sich selbst unmittelbar hinaus zu seinem Anderen, welches das Sollen ist; dieses aber ist dieselbe Entzweiung des *Ansichseins* und des *Daseins* wie die Schranke, ist dasselbe; über sich hinaus geht sie daher ebenso nur mit sich zusammen. Diese *Identität mit sich*, die Negation der Negation, ist affirmatives Sein, so das Andere des Endlichen, als welches die erste Negation zu seiner Bestimmtheit haben soll; – jenes Andere ist *das Unendliche*.

Tradução: Christian Iber; **Revisão Técnica:** Luis Sander; **Revisão Final:** Karl Heinz Efke, Agemir Bavaresco e Tomás Farcic Menk

Mas 2. considerando esse resultado mais de perto, assim, o finito, no seu perecer, nessa negação de si mesmo, alcançou seu ser em si, *uniu-se consigo mesmo* nisso. Cada um dos seus momentos contém justamente esse resultado; o dever ser vai além da barreira, isto é, além de si mesmo; além de si, contudo, ou seu outro é apenas a própria barreira. Mas a barreira aponta além de si mesma imediatamente para seu outro que é o dever ser; este, contudo, é a mesma desunião do *ser em si* e do *ser aí* como a barreira, é o mesmo; além de si ela se une, portanto, igualmente apenas consigo mesma. Essa *identidade consigo*, a negação da negação, é [o] ser afirmativo, assim o outro do finito, como qual a primeira negação deve ter para sua determinidade; – aquele outro é *o infinito*.